

Reginaldo Tech



artigos publicados no
Jornal da Cidade

HB
editores

O autor



Nasci no dia 14 de janeiro de 1961. Meu pai me ensinou a escrever meu nome, Reginaldo Tech, com lápis vermelho, rabiscando um papel amarelo. Minha mãe me ensinou a contar histórias; e isto é o que ela mais gosta de fazer. Aos oito anos, eu fazia cadernos com os tais papéis amarelos que meu pai trazia e escrevia nomes de filmes, que eu mesmo inventava. Comecei a me encantar mais ainda pelas letras nas aulas de português do professor Mauro, no Colégio Stela Machado, em Bauru/SP. Conheci Carlos Drummond de Andrade nas aulas do professor Mauro. Mais tarde, já no colégio, um professor que não usava óculos, mas tinha bigode, olhou um texto meu e falou: “você escreve bem”. Eu acreditei nas palavras do professor Luís Vitor Martinello e, junto com ele, mais o Raul de Paula, o Alberto Sanches e o Luiz Carlos de Oliveira, inventei o Grupo Apenas, que editava uma revista de poesia e inventava eventos poéticos na rua Batista de Carvalho, em Bauru.

O Raul e o Alberto viraram médicos; o Luiz Carlos virou empresário; o Luís Vitor continua professor; o professor Mauro eu nunca mais vi... e eu deixei de ser poeta. Depois dessa experiência, entrei no curso de letras na Universidade do Sagrado Coração. Roberto Magalhães, um grande mestre, teorizou toda a literatura e eu fui seguinte as letras. Comecei a militar contra a ditadura militar e a participar de partidos de esquerda, como o Partido Comunista Brasileiro. Minha militância política me levou a participar de eleições, assessorias e campanhas.

Saí do curso de letras direto para outro curso, o de jornalismo, e também para os tablados dos cursinhos pré-vestibular, onde dei aulas de literatura e redação. Milhares de profissionais, como médicos, advogados, engenheiros, professores, jornalistas... que atuam hoje, já me ouviram dizer o que é o Carpe Diem. Também lecionei nos cursos de relações públicas e jornalismo da Unesp de Bauru. Não me canso de ver nos telejornais ex-alunos que hoje nos informam sobre as coisas do Brasil.

De tudo isso me restou muita coisa e uma delas é o hábito ardente de escrever. Esta é uma das coisas que mais gosto de fazer. Não tenho preguiça para a escrita, como também para a leitura. Sou consumidor voraz de livrarias e bibliotecas e um “escrevinhador” contumaz, principalmente depois que aprendi sobre as entranhas dos textos e dos discursos no mestrado e no início de doutorado, na Unesp de Araraquara.

Hoje, trabalho com projetos especiais em saúde e educação na Humaniza Brasil. “Palavras Frases Parágrafos” é a minha primeira coletânea de artigos, quase todos publicados no Jornal da Cidade, de Bauru. Este livro está disponibilizado na internet e você pode ler e repassar à vontade.

É um prazer escrever e compartilhar ideias.

O livro

Esta coletânea de artigos é, para mim, um trabalho inspirador. Vejo coisas nas ruas e logo penso em um modo de torná-las **Palavras Frases Parágrafos**. Minha vida é assim... letras atrás de letras. E é assim que eu vivo.

Nos últimos quatro anos pude compartilhar as minhas idéias com as pessoas da região de Bauru, que abriam a página 2 do Jornal da Cidade e podiam ler meus pensamentos em forma de textos, publicados na sessão Opinião.

Trouxe quase todos estes artigos para dentro deste livro. Meu tema preferido é a qualidade de vida, que mobiliza as pessoas através das palavras felicidade, alegria, certeza... e tantas outras que se expressam como positividade.

Mais uma vez, como no meu primeiro romance, a linguagem é direta e seca. Linguagem que pretende ser simples e prefere o ponto ao ponto e vírgula. Aquele é mais decisivo, enquanto este prolonga a frase. Objetividade pede o leitor contemporâneo.

Experimento estes textos, publicados em jornal, aqui na internet, como forma de compartilhar de maneira plena. Use e abuse das idéias colocadas aqui, caro leitor. A partir de agora, os significados não me pertencem mais. Você é dono de todo o entendimento.

Desejo a todos boa leitura, mas antes quero agradecer aos meus amigos **Renato Zaiden, João Jabbour e João Carlos Amaral**, do Jornal da Cidade, pela acolhida enquanto colaborador deste que é um dos mais importantes jornais do interior paulista.

Compartilho... compartilhe!



Palavras Frases Parágrafos de Reginaldo Tech é licenciado sob uma [Licença Creative Commons Atribuição-Use não-comercial-No Derivative Works 3.0 Brasil](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/).

Dedico este livro a meus bons professores,
que me ensinaram a ler e a escrever:
Dona Florinda, Prof. Mauro,
Luiz Vitor Martinello,
Antonio Cassoni
Gilberto dos Santos (Giba),
Léa Silvia de Braga Sá
Roberto Magalhães,
Devino João Zambonin
e Maria do Rosário Gregolin

Muito obrigado!

Os pinguins visitaram a vovó

A idéia surgiu do nada. Quer dizer, nenhuma coisa surge do nada. Mas essa ideia surgiu, por incrível que pareça. Do nada. Nada mais impressionante do que olhar para o passado com os olhos do presente. Explico: perceber que estou no presente e lançar o pensamento em tudo o que já aconteceu é algo formidável, principalmente quando se ri de tudo o que se foi.

Vou atenuar toda a situação, caro leitor, e explicitar tudo. Minha vida está aberta e logo estaremos muito amigos, porque os amigos servem pra isso. Servem pra gente contar as coisas e não ouvir nada em troca. Se fosse o contrário não chamaríamos de amigo. E quando aparecer um inimigo, arrume cinco amigos!

Isso quem me disse foi um amigo. Enquanto ele me falava isso, ouvi de uma amiga, de voz inexorável, um pedido: “quero um namorado”. Eu perguntei: pra quê? E ela não perdeu tempo: “para me ligar e dizer coisas agradáveis”. Resolvi pedir pra ela deixar seu número à disposição dos serviços de atendimento ao cliente. Eles ligam sempre e falam muitas coisas agradáveis. Parece mesmo que vão resolver todos os nossos problemas.

Mas eu quero ser justo com tudo isso e com o mundo. Minha amiga terminou com o namorado e quer arrumar um namorado. Onde já se viu algo assim? Tá certo. Talvez o antigo namorado seja um pé no saco e não deixe a garota em paz. Talvez ela é que seja o pé no saco. Neste caso, pior pra ele.

Em todo caso, ela quer um namorado. E o outro amigo quer amigos. Todos querem alguma coisa. Não mexa nas coisas que estão em cima da geladeira, dizia a minha avó. E eu não entendia nada. Com nove anos eu queria mexer em tudo, menos em cima da geladeira. Mexia na geladeira, no fogão, no armarinho do banheiro... mas o que eu gostava mesmo de fazer era mexer na despensa, cheia de coisas boas pra se comer.

E algo me fez lembrar as coisas de cima da geladeira de minha avó. Não mexa! Não mexa! Conquistar amigos ou namoradas sempre foi um desafio para mim, mas nada igual a não mexer em cima da geladeira. No caso atual, meu amigo arruma amigos para contrapor aos inimigos; e minha amiga namoradeira quer arrumar namorado para contrapor ao namorado. O antídoto está no veneno.

Falando nisso, você tem alguma coisa que é ex na sua vida? Ex-namorado da namorada é um saco, porque o cara ainda pensa que tem o comando da situação. Ex-namorada é outro ponto de desequilíbrio, porque ela também pensa que (ainda) domina a sua vida. Enquanto isso, você e sua atual caracimete (onde eu fui arrumar essa expressão?) vão vivendo felizes para sempre... até que toque o telefone.

Alô! Onde você tá? O que tá fazendo? Pra onde vai depois? E o papo vai rolando... como se a vida fosse tão segura assim. E você (ou a outra pessoa) fica lá... de cara amarrada... porque do outro lado da linha tem alguém que ainda

pensa que comanda a situação. Esta é apenas uma hipótese, porque existem casos em que a outra pessoa lá, do outro lado da linha, comanda mesmo!

E estou aqui, desesperado para recomeçar a vida. Sim. Acordar é sempre um recomeço. Estar a todo momento começando de novo, porque nada é fixo. Tudo é mutável. Estou aqui, recomeçando. E a vida lá fora... corrente! Eu, aqui dentro, percebendo todas as coisas que são. E alguém me diz que manter o pensamento preso às correntes vigentes não conduz ao sucesso competitivo. Ou seja, estar presente e conectado é o caminho.

Conectado! Eis uma palavra moderna (ou seria pós-moderna?). O cara é híper conectado (ou seria híper-conectado?). Pergunte ao Pascoale. Só sei que o cara é conectado demais... não deixa a rede de jeito algum. E esta é a coisa do momento: conectar-se em rede. Abrir-se à vida e não esconder mais nada. Tá uma coisa que as pessoas começam a fazer... dentro da realidade do reality-show. A rede é o próprio reality.

O meu amigo, que quer mais amigos e a minha amiga que quer um namorado. Os dois são extremamente conectados. Meus encontros com eles são virtuais. Não sei o que vai ser das nossas vidas quando o wi-fi parar de funcionar. Apenas sei que tudo é incerto e desejoso. E eu aqui nesta cozinha amiga, onde todos os sabores são saudáveis. Isto, meu caro leitor, essa história não tem espaço. É construída em qualquer lugar.

Ali, no parágrafo anterior, eu falei em desejo. Exatamente. Isto é o que nos cerca e nos desacomoda. O comodismo do mundo vem do passado. Por isso, o passado é algo acabado. Assim eu vivo. Assim é a vida (pelo menos a minha). Viver do passado é esquecer-se do presente. Contradição? Que nada! Esquecer-se do presente, vivendo o presente é a pior coisa que existe.

E o meu desejo começa onde termina o seu? Nada disso! O meu desejo é a continuidade do seu. Um caso revelador é o fato de que todos nesta vida permanecem receosos de seus desejos. Sim! Os desejos aparecem e as pessoas jogam tudo para debaixo do tapete. A vida é assim... um mar de entulhos jogados para baixo do tapete. E quando alguém se manifesta, dá-lhe impaciência. Nada de respeito à palavra, à ação ou à dinâmica da vida. Estamos todos presos ao passado. E não sabemos disso.

E a vida vai. Eu aqui na cozinha, com uma receita de vitamina na cabeça: algumas laranjas espremidas no copo do liquidificador, um limão também espremido, um quarto de um mamão, uma banana, duas colheres de ração humana, um pouco de água e um iogurte. Bate tudo e toma. Melhor do que refrigerante. Quer dizer, tem gente que acha refrigerante bem melhor. Eu não vou achar nada. Apenas vou tomar a vitamina, que é coisa boa demais.

A palavra vitamina é parecida com a palavra vítima. Ou não? Acho que não. Mas quando falei vitamina, me veio a palavra vítima... e também veio a palavra vitimização. Mas vamos deixar isso pra lá, por enquanto, porque chegou a hora do almoço. E vamos ao almoço.

Pode parecer jantar, mas é almoço: azeite bem quente na frigideira, jogue as alcaparras, depois as azeitonas pretas sem caroço, champignons e doure... jogue alho em flocos (desidratado)... alguns segundos... e você tira do fogo. O macarrão já deve estar pronto... ainda quente! No prato você já picou queijos, de alguns sabores diferentes: parmesão, muçarela, gorgonzola, estepe... entre outros. Coloque o macarrão em cima do queijo, que vai derreter... e jogue o molho por cima. Delicioso.

Agora é só você ler os artigos a seguir, que falam sobre qualidade de vida e boa saúde... mental e física. Quase todos foram publicados no Jornal da Cidade, de Bauru. Alguns foram postados no meu blog www.reginaldotech.com.br e outros são originais, em primeira mão para você. Boa leitura! Ahh... só tem uma coisa: o que você faz com o que você lê?

Explico: quando você lê algo bem legal ou vê uma dessas boas mensagens que recebe em seu e-mail ou até mesmo assiste a uma boa palestra, o que você faz com isso? Apenas acha bonito... ou começa a praticar os ensinamentos?

Vale lembrar que muito do que escrevo nem é meu... é do mundo... eu apenas junto as partes. Um agradecimento especial às pessoas que me auxiliaram (até sem saber) na criação de todos esses textos... ou... se preferirem: posts... ou se ainda preferirem: tuites.

A arte da felicidade

Fernando Pessoa, em meio a loucura de seus heterônimos, dizia: “navegar é preciso, viver não é preciso”. As palavras do poeta viajaram o mundo e se misturaram a mensagens, frases, versos e tantas outras palavras que tentam construir a vida verbalmente e indicar o caminho da felicidade. Caetano Veloso reverberou: “gosto do Pessoa na pessoa”. Ou seja, uma pitada de poesia é sempre interessante. E assim vai a vida... poeticamente falando.

As palavras dos poetas vão construindo o mundo e nos ensinando a amar sem cobrar! Vão nos ensinando a plantar, a regar, a cuidar, a colher, a conservar, a preservar e a respeitar! Isto é, aprendermos a viver conforme as leis da vida e do Universo. Vivemos respirando profundamente e soltando o corpo no ar... na vida, respeitando todos os seres entre o céu e a terra... agradecendo e preservando a vida. Respeitando aquilo que cada um é, inclusive nós mesmos.

E assim vai a vida. Olhando as palavras dos poetas e tornando-as atitudes eficazes, podemos merecer mais. Podemos fazer com que a vida seja muito mais do que tudo isto que está aí agora. Pois a vida é muito mais... a vida é liberdade para se escolher e se realizar a própria vida. Creio que o caro leitor deve estar atônito com tanta filosofia presente nesse texto, mas vou explicar isso melhor.

Acordei em um belo domingo de sol, ao sabor dos sinos do senhor dos ventos, aquele objeto pendurado em nossa varanda, que toca a música da vida. O cheiro forte das mangas invadia o meu ser, enquanto meus pensamentos giravam em torno de tantas pessoas que passaram pela minha vida... e que, aos poucos foram se distanciando, pelos mais diferentes motivos. Tem gente que chama isso de saudade.

Quando o sol bateu mais forte, uma palavra brotou lá do fundo das minhas lembranças: felicidade! Lembrei-me também de mais uma mensagem que roda de boca em boca: “na jornada da vida não aceite menos que a felicidade”. Depois disso, percebi que nas nossas vidas a compreensão e a tolerância são ferramentas vitais.

E como conquistar tudo isso, perguntava meu coração. Talvez, o segredo seja amar sempre, apesar de todos os reveses. Ter fé infinita e indestrutível, pois isso representa o eixo da sabedoria. Nesse instante, ouvindo o barulho insistente de um avião monomotor, fugi com meus pensamentos para alguns lugares e notei que é mesmo a vida a própria sabedoria. Resmunguei baixinho e filosofei mais um pouco.

Não é preciso ter medo de nada, pois, em tudo o que parte, existe algo que chega... em cada mal, existe a semente do bem... em cada perda, há algo a ganhar.. em cada dificuldade, existe a oportunidade de vencer e crescer. A vida é assim! Construção e reconstrução. E nada mais belo que isso. Viver e deixar viver. Aprender com tudo aquilo que nos transforma.

E resolvi, mais uma vez, intensificar as atitudes eficazes para a felicidade: tudo o que eu pensar, falar e fizer... preciso fazer com amor e alegria em meu coração. Daí, tudo o que eu fizer será um sucesso, pois minha vida será felicidade e liberdade. Esta é a grandeza do ser. A grandeza orientada pelo Universo, pois, se viver não é preciso... navegar é a melhor das necessidades.

Ao vencedor as batatas

Ano de Olimpíadas é ano de eleições. E vamos aos planos, aos sonhos, às vitórias e às derrotas. O mundo caminha a passos largos, o tempo de hoje corre mais do que o tempo de ontem. Cada segundo é precioso... nas piscinas e nos programas eleitorais. Tanto as Olimpíadas, quanto as eleições, nos passam exemplos magníficos para entendermos um pouco mais a vida.

Um oitavo lugar pode ser a melhor das vitórias, enquanto um primeiro lugar pode representar a amargura, quando não se tem competência suficiente para realizar os sonhos. O sorriso emoldura os rostos felizes e as lágrimas intensificam a missão de ouro que cada atleta ou candidato tem pela frente. Alguns querem, outros se apavoram... e a vida vai assim.

Se nas Olimpíadas todos se juntam em trabalhos de equipe, nas eleições até prefeito e vice se estranham. E daqui do computador, ouço um locutor dizer: “nunca duvide de um campeão”. No aconchego das letras, presumo: “nunca duvide das intenções de um candidato”.

Os bastidores, das Olimpíadas e das eleições, mostram realidades que os homens comuns não percebem. A política das escolhas dos atletas que formam as equipes olímpicas e o jogo de interesses que circunda as escolhas dos candidatos pelos partidos são alguns destes mistérios. Sem falar das coisas impúblicáveis que jornalistas, assessores, secretárias, técnicos, motoristas e roupeiros sabem melhor do que todos nós.

O leitor, o eleitor e o torcedor querem muito mais que isto. Se nas Olimpíadas um César Cielo pode construir um choro coletivo e mostrar que vencer ou perder fazem parte do mesmo caminho... e cada um deve fazer por merecer o lugar aonde chegou, nas eleições decidimos o que vão fazer com a sociedade nos próximos anos.

Atender bem é o caminho

Entrou em vigor a nova lei sobre os serviços de atendimento ao consumidor, os tais SAC. Já era hora de se fazer algo assim. Impor um bom atendimento através da lei. Isso mesmo. Eu trabalho com treinamento e capacitação e um dos meus cursos é exatamente sobre atendimento.

O leitor deve estar pensando: alguém que trabalha com cursos para bom atendimento falando em lei para impor um bom atendimento? Isto mesmo. Às vezes, é preciso lançar mão de alguns instrumentos que direcionem melhor a situação. E o atendimento telefônico tem sido um caos.

Desde a clássica ligação em que você fica minutos ouvindo a gravação, que fala... fala... e não resolve o seu problema, até outros tipos de “atendimento” que usam ou não o telefone. Vejamos alguns exemplos interessantes.

Uma operadora de telefonia celular manda que o cliente ligue para um número específico se quiser saber qual é o valor do seu crédito promocional. Há dez dias eu ligo para o tal número e a mensagem é sempre a mesma: “Serviço indisponível. Por favor, tente novamente mais tarde”. Entendeu, caro leitor? Há dez dias eu tento este número algumas vezes por dia e a resposta é sempre a mesma.

Um dia, voltando para a cidade de Bauru, o ônibus que eu iria pegar, saiu antes do horário previsto. Reclamei, telefonei, perguntei... busquei os meus direitos. O meu caso foi resolvido porque meia hora depois sairia outro ônibus para o mesmo lugar. Isto aconteceu há quase um mês e ninguém, até agora, me deu uma resposta sobre o acontecido. E olha que eu deixei e-mail, telefone e nome para a pessoa que me atendeu na garagem da empresa.

Em outro caso, um banco oferecia um serviço, que eu costumava usar. Na virada do mês, sem nenhum comunicado, o banco simplesmente cancelou o serviço, mesmo tendo sido oferecido (o tal serviço) quando transferi minha conta de agência. A gerente do banco disse: “é assim mesmo... eles lançam no sistema... e cancelam se alguma coisa mudar... é automático”!

Achei engraçada a explicação da moça, porque nem ela sabia explicar objetivamente, assim como as moças que atendem nos SACs das operadoras de telefonia celular, pois, às vezes, essas moças explicam as coisas de uma forma estranha... e cada uma dá uma explicação diferente, como se cada uma tirasse da própria cabeça uma explicação.

Diante dessas vivências, decidi melhorar ainda mais o meu trabalho, incluindo nos meus cursos, situações reais de mau atendimento. A ideia é achar caminhos (também reais) de bom atendimento. Algo do tipo: vivendo e aprendendo. Talvez, este seja um bom caminho. Equilibrar e fazer acontecer.

Compartilhando livros

O ano novo começou com tudo. Já estamos de volta com ótimos projetos, muito trabalho e uma boa pitada de ócio positivo. Começamos o ano acelerando os dedos no teclado do notebook... para democratizarmos muito o conhecimento e a informação. E aqui começa o nosso primeiro projeto do ano: bookcrossing. Já ouviu falar nisso, caro leitor?

Pois bem, bookcrossing é a atitude de "esquecer" livros em locais públicos para que outras pessoas possam pegá-los, lê-los e passar para frente, para que outras pessoas façam o mesmo, realizando uma grande corrente de leitura sem custo nenhum para ninguém. E eu já comecei a minha parte.

Na semana do natal, deixei livros na Praça Portugal, em Bauru. Doze livros ao todo... que foram levados por homens e mulheres. Deixei livros de Rodrigues de Abreu, Luiz Vitor Martinello, Sófocles, Shakespeare, entre outros. Mas essa coisa de "abandonar" livros é algo que tem acontecido em várias partes do mundo.

Comigo, tudo começou quando percebi uma coisa interessante na minha vida. Morei em uma casa durante um ano e três meses. Um dos quartos virou depósito de sete caixas com livros de toda espécie de minha pequena biblioteca particular. Passei esse tempo todo naquela casa sem abrir qualquer caixa ou qualquer livro.

Mudei-me para outra casa... e levei as sete caixas de livros. Foi então que percebi uma situação meio absurda: se eu deixei tantos livros dentro de caixas, sem abri-los... folheá-los... ou coisa assim, então não preciso dos livros. Posso simplesmente me desfazer deles de um jeito bem interessante. Descobri o bookcrossing e, agora, passo a compartilhar estes livros.

Resolvi fazer uma dedicatória nos mais de 150 livros e começar a esquecê-los em lugares públicos da cidade. Na dedicatória, digo aos "contemplados" que o livro pode ser lido, mas deve ser passado para frente, com o objetivo de fazer com que muita gente leia o mesmo livro.

Então, a partir de agora, estou "despejando" todos os livros nas ruas, praças... e os leitores vão poder encontrar coisas da literatura, romances, livros sobre comunicação, análise do discurso, política, gramática, linguística (sem trema), infantis... e outras "maluquices" que esses "loucos" escritores escrevem.

A ideia é exatamente essa: compartilhar. Deixar o egoísmo de lado... e dedicar-se, de fato, ao compartilhamento de palavras e coisas. Talvez, caro leitor, você possa olhar a sua volta e perceber que tem coisas na sua casa esperando para serem compartilhadas. Se achar um desses meus ex-livros bom proveito... mas passe adiante após a leitura.

Inteligência emocional não é enlatada

A ciência moderna trouxe para o cotidiano a proposta da existência de uma inteligência emocional, profundamente relacionada à inteligência racional. A inteligência racional é aquela que todos aprendemos na escola, acompanhada normalmente por livros e apostilas. Já a inteligência emocional, algo particularmente novo para o mundo ocidental, ainda está restrita à pedagogias inovadoras, como a Waldorf; a consultórios de terapeutas holísticos; e a cursos diferenciados, que tratam do ser humano de forma integral.

A inteligência emocional, apesar das fortes ligações, obviamente, diferencia-se da inteligência racional. Enquanto a primeira seria a comida fresquinha, feita em fogo brando, a segunda é a tal comida enlatada, que serve muito bem para nossa pressa do dia a dia. Algo assim, metaforicamente falando.

Não vou deslizar os dedos no teclado para falar sobre a inteligência racional. Apesar de ser importante, ela nunca deve estar desligada da inteligência emocional, pois o homem é um ser integral, queiram ou não os pedagogos que defendem o absurdo “tapa pedagógico”. Vamos ficar, nesse texto, apenas dentro do aspecto da inteligência emocional.

A inteligência emocional é a capacidade que cada um de nós tem de identificar os próprios sentimentos e os sentimentos dos outros; de realizarmos a auto-motivação e de gerenciarmos bem as nossas emoções e as emoções dentro dos nossos relacionamentos inter-pessoais. Portanto, mesmo com ajuda profissional, a inteligência emocional é algo que “arrancamos” de dentro de nós mesmos.

Alguns aspectos são importantes para a preservação de uma vida com qualidade e de uso constante da inteligência emocional: o conhecimento de si mesmo; o domínio das atitudes; a motivação de si próprio; a empatia; a sinergia e a revitalização das relações inter-pessoais.

Todos estes aspectos podem ser trabalhados por profissionais como psicólogos, terapeutas, pedagogos e educadores, porém, este trabalho precisa ter um caminho profundo e reflexivo, sem o uso de modismos, como as tais palestras motivacionais, onde os palestrantes viram mágicos ou performistas. Um trabalho assim é superficial e sem gosto, igual à comida enlatada, servida até em merenda escolar.

Este artigo não quer ter o tom da crítica simplista, mas a observação séria. Alunos que passam pelos nossos cursos recebem (metaforicamente falando) uma luz, e saem vasculhando pela escuridão do túnel. Talvez este seja um bom compromisso que nós, profissionais que tratamos deste assunto, podemos ter.

Por exemplo, nas aulas de oratória ampliamos o sentido do falar em público, para que o aluno construa o seu marketing pessoal, utilizando-se de sua inteligência emocional. Aulas técnicas são necessárias, porém, há que se encontrar o equilíbrio, pois já temos enlatados demais na nossa educação.

Exatamente por isso é que tratamos de ampliar o trabalho, saindo da mesmice... usando técnicas do teatro, da arte-educação, da inteligência emocional, da biopsicologia e do desenvolvimento humano em cursos como este.

O sucesso é o avesso do fracasso. Isto é óbvio também. No entanto, muitas pessoas não atinam para isso... e continuam sempre com a mesma programação, o mesmo cronograma, o mesmo tudo. Talvez, mudar um pouco a rota e focar mais na inteligência emocional seja um bom caminho. Eu disse talvez, pois cada um é que sabe de si. Vamos continuar fazendo a nossa parte.

Humanização na saúde é o caminho

Perfeita a manchete e as matérias publicadas pelo Jornal da Cidade de Bauru do dia 12 de junho de 2009: “Médicos mais próximos de pacientes fazem a diferença para obter cura. De todos os focos dados sobre o assunto, um chamou nossa atenção, já que trabalhamos exatamente com isso: “Saída é humanização no atendimento”. Nesta matéria, os dois especialistas que opinam são bastante claros. O antropólogo Cláudio Bertolli observa a relação “amena” entre os profissionais da saúde e os pacientes; já a psicóloga Maria Cezira Fantini Nogueira Martins aponta o caminho da humanização como solução.

Há seis anos, o Ministério da Saúde implantou a Política Nacional de Humanização, que é o ponto de partida do trabalho realizado dentro do Projeto Humaniza SUS, que pretende, objetivamente falando, humanizar o sistema de saúde, partindo do princípio de que o acolhimento é o melhor caminho. Nessa direção, o próprio Jornal da Cidade publicou matéria em 10 de fevereiro de 2008: “Agudos quer humanizar atendimento na saúde”. Este, aliás, foi o primeiro projeto de humanização que desenvolvi, após três anos de estudos a respeito do tema. Depois disso, nasceu a Humaniza Brasil, um grupo de profissionais que tem como foco: treinamentos vivenciais em humanização na saúde.

Após quase um ano e meio de palestras, treinamentos e consultorias em cidades como: Arealva, Macatuba, Espírito Santo do Turvo, Santa Cruz do Rio Pardo, São Sebastião da Gramma, Botucatu, entre outras, participamos de evento nacional em Brasília/DF, onde apresentamos o projeto de humanização na saúde da Humaniza Brasil, grupo de profissionais ligados à saúde e à gestão e desenvolvimento de pessoas.

Esse histórico, mais os resultados que estamos obtendo em todos os projetos, demonstram que estamos no caminho certo: ao invés de discussões teóricas a respeito de humanização, estamos praticando e vivenciando humanização e acolhimento, junto com os trabalhadores da saúde dos municípios onde passamos. Ou seja, é preciso juntar as pontas, pegar a teoria e praticar, vivenciar os paradigmas dos estudiosos, solucionar problemas de atendimento.

É verdade que a relação entre trabalhador da saúde e paciente deteriorou-se, como também é verdadeira a afirmação de muitos cientistas que dizem: “não existem doenças, mas doentes”. No nosso trabalho, aliamos pontos como desenvolvimento humano, inteligência emocional, gerenciamento de tempo, uso do stress positivo e revitalização das relações interpessoais, para apoiar trabalhos brilhantes como o Programa Saúde da Família (federal) e Articuladores de Atenção Básica (estadual). Nosso foco é a proatividade no setor público.

E para finalizar, quero apenas deixar uma frase que ouvi de um dos maiores conhecedores de saúde pública do estado, o médico Fernando Monti, secretário de saúde de Bauru. Monti, uma vez que falávamos sobre humanização como

caminho para a solução de vários problemas na área disse: “sem fazer trabalho vivencial, não vamos obter bons resultados”.

Não é bem assim

Algumas pessoas (que leram ou não o livro O Segredo) costumam ficar cismadas com as explicações simplistas que aparecem quando se fala de pensamento positivo. É certo que “quando jogamos uma bola azul na parede, ela volta bola azul”. Ou seja, se fazemos o bem, recebemos o bem; e se fazemos o mal, recebemos a mesma coisa: o mal. Porém, há que se perceber uma questão: o que é o bem e o que é o mal? E ainda outra: o que se fazer com os ensinamentos que a vida nos oferece?

Sua Santidade, o Dalai Lama ensina o seguinte: “tudo o que aparece e existe origina-se inteiramente devido às suas próprias causas e condições particulares”. O que significa dizer que não há absolutamente nada que apareça simplesmente por seu próprio poder, sem depender de causas e condições. Pode parecer místico, mas a física quântica colabora (e muito) para a reflexão que fazemos.

Por outro lado, a humanidade conheceu, nas últimas décadas, significativos avanços na compreensão científica do cérebro e corpo humanos como um todo. A pesquisa genética e o conhecimento da Neurociência a respeito do funcionamento dos organismos biológicos foram levados ao nível mais sutil dos genes individuais. Isto resultou em possibilidades tecnológicas nunca antes experimentadas. E o código da vida pode, enfim, ser manipulado pelo homem. A realidade virtual começou a aparecer. A ciência não faz mais parte apenas das Academias.

Hoje em dia, a questão do intercâmbio da ciência com o conjunto da humanidade não é mais um tópico de interesse acadêmico apenas; ela precisa assumir um senso de urgência para todos os que se preocupam com o destino do ser humano. Penso, portanto, que um diálogo entre a neurociência e a sociedade poderia trazer importantes benefícios no que se refere ao aprofundamento da nossa compreensão básica daquilo que significa pertencer à espécie humana e quanto às nossas responsabilidades com o mundo natural, o qual compartilhamos com os demais seres sencientes.

Assim, percebemos o mundo de um jeito mas ele é de outro quando não usamos a “visão periférica”, que percebe e analisa tudo estrategicamente. Em outras palavras, podemos estar certos de que a felicidade e o sofrimento certamente surgem como resultados das ações boas e más que cometemos. Se nós desejarmos resultados positivos, não há outra opção para nós a não ser fazermos o bem e evitarmos o mal.

Por outro lado, não podemos deixar de perceber o mundo através dos sentidos. Esta percepção pode ser racional... emotiva... ou social. Ou mesmo, pode ser tudo ao mesmo tempo, o que chamamos de holística. Caminhos valiosos existem e podem ser usados, experimentados e experienciados. Basta fazermos a escolha.

Do desejo ao objetivo final, o caminho é valorizar o processo: onde você está e onde você quer chegar! Alguns fazem empiricamente o trajeto, outros buscam soluções teóricas e ainda outros procuram o “jeito rede social de viver”. Mas... o que é jeito rede social mesmo? Explico em duas palavras: colaborativo e compartilhado.

O importante é vencer

Cresci ouvindo frases de efeito que me atordoam até hoje. Uma delas é: “o importante não é vencer, mas competir”. Nem imagino quem criou essa frase... ou ditado popular, como dizem. Só sei que é exatamente isso que vem me incomodando nos últimos tempos. Ou seja, essas tolices que aparecem para esconder algo que é notadamente real.

Ouvi dizer (e olha que o mundo também é feito de muitos boatos idiotas) que esta frase foi cunhada nos Estados Unidos, durante a década de 70, quando, em uma Olimpíada, a União Soviética ganhou quase 90 % das medalhas. Nesse caso, se for mesmo verdade essa história, o importante mesmo foi apenas competir.

Dia desses li uma cartilha de recrutamento interno de uma grande empresa nacional, onde fui chamado para conversar a respeito do meu trabalho na área de desenvolvimento humano e gestão de pessoas. Li, reli... e percebi que a empresa quer mesmo que seus colaboradores (eufemismo para funcionários) estejam sempre em uma constante competição.

Aliado a isto, várias empresas começaram a contratar palestras motivacionais (que no fundo não servem para quase nada), talvez no intuito de motivar a tal competição. E assim, seus colaboradores continuariam competindo, competindo... sem nunca vencer. Fora uma ou outra promoção que conquistariam no meio do caminho, mesmo que não estivesse competindo.

E o amável leitor me perguntaria neste exato momento: “afinal, o importante é vencer ou competir?”. Eu mesmo respondo, seguindo os bons ensinamentos do mestre Zarcilo Barbosa, jornalista dos bons, que tem um indicativo para todo bom texto jornalístico: o leitor não quer perguntas, mas respostas! Sendo assim: creio mesmo que o importante é mesmo vencer e não apenas competir.

No caso, é preciso se colocar alguns critérios para esta vitória, já que o mundo não pode viver sem critérios. Vencer com ética... vencer com cooperativismo... vencer com capacidade... mesmo que muitos façam o contrário. Este caminho é um pouco mais longo, porém, é eficaz, pois dá para ser feito através de trabalhos vivenciais... e não apenas motivacionais.

Vencer a qualquer custo não dá! Apesar de muitos vencerem assim. Disputar para vencer é um caminho, mas não se pode ficar apenas na esperança da vitória. Amir Klink se deu bem em todas as aventuras. Em uma delas, circunavegando o mundo em torno do Polo Sul, dormiu alguns minutos a mais e quase desapareceu tragado por um iceberg maior que um quarteirão. Ou seja, não dá para dormir no ponto.

Dentro desse contexto, existe uma situação importante também: a experiência independente da vitória. Esse aspecto, pouco fomentado, é algo que nos leva a abrir caminhos no mercado e também na vida pessoal. Porém, essa experiência

precisa ter uma direção, um objetivo, mesmo que seja apenas a própria experiência.

Aliás, caro leitor, esse texto é apenas um ponto de vista, que, obviamente, não pode ser simplesmente copiado. Deve ser maturado, pois, se competir amplia a capacidade de êxitos, vencer é uma consequência importante de toda disputa. Ou você entra em uma disputa apenas pelo prazer da competição? E para não terminar a ideia com uma pergunta, já vou mostrando uma resposta possível: o importante não é competir, mas participar... se divertir... e vencer, sempre com muita ética.

Solidariedade Brasil

Corria o ano de 1983 e eu, junto com um amigo argentino, seguia para Buenos Aires. Saímos de São Paulo e levamos um dia inteiro para chegar em Porto Alegre. No caminho, quando entramos no estado de Santa Catarina, tivemos que desviar pelo interior para podermos passar pela enchente. O que se via era terrível. Desde Santa Catarina, até boa parte da Argentina, a vida precisava de muita coragem.

Ao entrarmos na Argentina, em algum lugar que não me recordo, o ônibus viajou por quase duas horas por uma estrada ladeada por água, parecia uma imensa ponte. Paramos em algum lugar e pegamos um barco, que navegou por uns 40 minutos, até chegarmos em algum outro lugar, para pegarmos outro ônibus e viajarmos mais um tempo ladeados por um imenso lago. Era tudo inundação.

No caminho, eu imaginava que nunca conseguiríamos chegar, de tanta água e tanto entulho que encontrávamos. Santa Catarina, parte do Rio Grande do Sul e um bom pedaço da Argentina estavam submersos em água e entulho. Esta é uma das imagens mais impressionantes que eu já vi.

Agora, com mais esta catástrofe que abateu praticamente todo o estado de Santa Catarina, aquelas imagens voltaram à minha memória. Busquei algumas fotos de 1983 e percebi que a vida tem seus dias de muita tristeza. Não esmoreci na minha missão de resgatar a felicidade que existe dentro de cada pessoa e estou aqui compartilhando isso.

E vou tentando achar algo de feliz nisso tudo. E acho! Algo chamado solidariedade. Sim, caro leitor, a solidariedade do povo brasileiro, que não pergunta nome, endereço ou bairro para ajudar. Acho até que o brasileiro nasceu para ser voluntário. É só alguém precisar, que sempre tem um outro alguém colaborando.

A pena disso tudo é que o brasileiro, em boa parte das vezes, acaba fazendo o papel de Estado. Porque, não vamos colocar tudo embaixo do tapete... as enchentes acontecem também por causa dessa máquina administrativa emperrada, que não tem projetos ou engaveta propostas importantes, que resolveriam problemas assim.

Talvez este meu pensamento seja o equilíbrio. O ponto exato, cercado de conjecturas, mas no caminho da solução: o equilíbrio. Em outras palavras, amigo leitor, é necessário ponderar tudo. Se de um lado o povo brasileiro é solidário; de outro, é preciso mais coragem dos agentes públicos na resolução dos problemas vitais. Se desse lado existem governantes capazes, do outro existem pessoas que “brincam” de viver perigosamente.

Assim, não vejo que tenha um culpado, mas sim responsabilidades. A minha, a sua, a do prefeito, do governador... e por aí vai. Essas responsabilidades podem ser transformadas em atitudes... eficazes... para se conquistar a (tão sonhada)

felicidade. Basta começar. E é bom que se comesse pelo começo. Na essência da situação. Por hoje é só.

Vida e mercado de trabalho

Já estamos no terceiro milênio. A ironia da frase anterior, caro leitor, é proposital. Empresários, administradores e trabalhadores ainda maturam certas mudanças que ocorreram nas últimas décadas. Estar, por exemplo, em um ônibus em viagem de Bauru a Campinas, em plena serra de Brotas, conversando com alguém pelo celular, que fala de Porto Alegre e vendo os e-mails no notebook é algo estranho, confortável e animador. Algo mudou... ou, na verdade, tudo mudou. A tecnologia avança a passos largos e as distâncias, agora, são menores, apesar dos quilômetros que separam as pessoas.

Aliado a isto, a nova gestão de pessoas que constrói o estilo de vida e o trabalho do desenvolvimento humano, que abre espaços para o auto-conhecimento, além de projetar mudanças substanciais nas atitudes das pessoas, expandem a consciência de empregadores, gestores e empregados, agora chamados de colaboradores. Estamos no terceiro milênio e tudo se modifica intensamente.

Algumas palavras tornaram-se cotidianas, como: humanização, acolhimento, corporativo, relacionamento e responsabilidade, sempre aliadas à palavra chave “social”. Ou seja, estamos formando duas redes, uma virtual, no mundo da net, e outra real, nos contatos entre as pessoas. Isto tudo vai acontecendo tanto no mundo corporativo, quanto no mundo público, que, quando administrado por pessoas capacitadas e realmente modernas, não tem muito a dever para a iniciativa privada. É só observar as nossas universidades públicas para se ter uma idéia a respeito.

É dentro deste panorama que aparecem as novidades no mercado de gestão de pessoas e desenvolvimento humano, considerado um dos pilares do mercado de trabalho que vai prosperar nos próximos anos. Assim, equilibrar as finanças, realizar uma política ambiental correta, e humanizar as relações de trabalho dentro das empresas públicas e privadas é o grande desafio do empresário e do administrador público modernos. Mais do que motivar, é preciso dar ferramentas ágeis, adequadas e competentes para que o colaborador possa reorganizar a sua vida e o seu trabalho, realizando com maior empenho e melhor qualidade os serviços voltados aos interesses corporativos, sociais e pessoais. Com certeza, empresários e administradores devem estar dentro desse processo, como líderes e soldados ao mesmo tempo.

Cria-se, então, um novo paradigma nas relações de trabalho: ao invés de adrenalina, equilíbrio; no lugar de correria, organização; e ao contrário da loucura das relações interpessoais, coloca-se no lugar o stress positivo. Neste processo, o auto-conhecimento passa a ser o ponto gerador do uso da inteligência emocional, aliada ao bom desempenho racional. E a sociedade dá um passo de coragem para definir uma visão de mundo neo-humanista, agregada ao pensamento de uma sociedade moderna, eficaz e com respeito ao ser humano e ao meio ambiente.

Tudo isso e mais um pouco estão a nossa disposição quando inserimos na nossa vida preceitos de cooperativismo e relações sociais e profissionais menos

egoístas, onde a simplicidade, o respeito e a felicidade passam a ser instrumentos eficazes na mudança de qualidade de vida para melhor. Mas tudo isso tem um preço: a coragem para mudar.

Votar e colaborar, eis a missão

O que tem a ver a eleição de Barak Obama nos Estados Unidos da América e a eleição de Rodrigo Agostinho em Bauru. Nada, diriam os céticos. Eu também poderia dizer nada, para não fazer um exercício de apológico político-eleitoral. Porém, se analisarmos a situação, guardando a proporção de cada eleição, podemos dizer que o caminho está pavimentado para acontecerem mudanças reais e estruturais, em ambos os casos.

Eu poderia comparar a eleição de Obama com a eleição de Lula, mas seria extemporâneo fazer isso. Poderia também não comparar nada e apenas dizer o que espero (ou o que todos esperamos de cada um deles), mas fico com a palavra ou a idéia comum das ruas: esperamos muita mudança e boas novidades para Bauru... e para o mundo.

Lá, segundo amigos e parentes que residem nos EUA, espera-se tudo, mudanças completas, uma vida melhor e a América comandando de novo o planeta. Aqui, espera-se tudo, mudanças completas, uma vida melhor e Bauru comandando a região, o coração do estado de São Paulo.

Os dois sorriram feito garotos durante toda a campanha. Lá, um sorriso de muita experiência e entusiasmo de ser o primeiro negro a governar a nação mais poderosa do mundo, desafiando a velha política ortodoxa. Aqui, o sorriso de quem teve a audácia de desafiar o tradicionalismo político, misturado ao entusiasmo de ter o poder para mudar situações.

Nos dois casos, os ingredientes tem boa qualidade e o jogo de xadrez tem as peças nos seus devidos lugares. Lá e aqui, Obama e Agostinho, EUA e Bauru... têm algo em comum: o sentimento popular que clama por mudanças nas políticas públicas. E é exatamente nisso que eu boto a minha colher. Como não tenho qualquer interesse em cargo algum e fui apenas eleitor nestas eleições, meu palpite é simplesmente palpite.

Lá, espera-se uma relação mais forte com a América Latina; uma política externa menos belicista; um conjunto de ações econômicas e ambientais que torne possível uma vida mais feliz. Aqui, espera-se ações que contemplem a felicidade das pessoas; saúde e educação com qualidade de vida; a volta do orgulho de ser bauruense; e gestores públicos realmente preocupados com o bem comum.

Lá e aqui espera-se... esperamos! Porém, precisamos de algo mais. Lá é problema deles, aqui é problema nosso. Nós, eleitores, votamos e lavamos as nossas mãos. Depois passamos a criticar, em atitude cômoda e fácil. Mas é preciso mais. Muito mais! É preciso que a população auxilie, ajude, fiscalize... trabalhe junto. Cada um no seu quadrado, é claro.

Em palestra na Universidade Aberta à Terceira Idade, da USC/Bauru, antes mesmo do segundo turno, falamos sobre felicidade como política pública e defendemos a idéia da criação de um comitê de acompanhamento do próximo

governo. Os alunos da Universidade aprovaram a idéia e já estão se mexendo para formar este “comitê de colaboração”. Contudo, é preciso que toda a cidade auxilie, economize água, faça coleta seletiva, reutilize, recicle, limpe, colabore e governe junto.

Assim, faremos a nossa parte, não apenas na torcida para uma cidade melhor de se viver, mas contribuindo efetivamente para que o prefeito governe de acordo com os projetos que divulgou, mudando aquilo que for necessário, pois a vida e o governo são dinâmicos. Se após quatro anos, a cidade e seus cidadãos ficarem mais felizes, então, a eleição terá valido à pena.

Pegada social

O homem tem três dimensões de sua inteligência: a Inteligência Racional, que abrange o nível do consciente; a Inteligência Emocional, que tem seus contornos relacionados ao inconsciente e aos sentimentos; e a Inteligência Social, que é uma espécie de interface entre as outras duas inteligências, ou seja, competência para gerenciar os relacionamentos através do equilíbrio entre o racional e o emocional. A Inteligência Racional relaciona-se ao conhecimento; enquanto a Inteligência Emocional está relacionada à habilidade; e a Inteligência Social às atitudes, funcionando, esta última, exatamente como a prática das ações racionais e emotivas, conscientes e inconscientes.

Esta prática pode ser chamada também de atitude, uma vez que se concretiza no uso dos sentidos., ou seja, na realização prática dos conhecimentos e das habilidades. Neste ponto, ocorre um certo distanciamento das teorias, compondo-se um quadro concreto, de percepção e uso das coisas do mundo.

Neste universo de interações aparece a chamada teia da vida, conhecida como rede (net), criando o que chamamos de relacionamentos. Estes relacionamentos dependem, então, das três dimensões da inteligência do homem: racional, emocional e social, sendo esta última a própria execução dos relacionamentos. Criar relacionamentos é uma tarefa sensível e concreta, diferente do que se teoriza nas disciplinas que criam todos os obstáculos possíveis para a definição das bases que conectam as pessoas. Relacionar-se, então, é usar de forma adequada a inteligência social.

No entanto, para se usar bem a Inteligência social, é preciso que se use bem as inteligências racional e emocional. O caminho parece árduo, mas é bem simples, já que depende de conhecimento, habilidade e atitude, sendo esta última a força desencadeadora de bons (ou maus) relacionamentos.

Atitude é algo que move o mundo na direção dos processos de interação, local exato do que se pode chamar de conexão. Assim, o homem pode ser projetado como um nó de relações, orientado em todas as direções, ou seja, a teia da vida, através das conexões que realiza. Para se criar essa teia da vida e as conexões é preciso que ocorra um movimento sinérgico e sincrônico, onde a empatia é o direcionador, no sentido das relações que se estabeleçam como duradouras, envoltas nos mistérios que realizam a vida.

Para medir a eficiência pessoal na construção deste processo de criação de rede de relacionamentos, após alguns anos de pesquisas, criei o índice Pegada Social, que projeta as atitudes, em relação às dimensões da inteligência, compondo uma base para mudanças de padrões mentais e/ou definindo encaminhamentos concretos diante de todas as situações. A Pegada Social é, portanto, a capacidade real que cada indivíduo tem de se relacionar equilibrada e intencionalmente, na direção do sucesso e da felicidade, usando ações positivas e pró-ativas, tendo como referência a intenção no futuro, mas a atenção no presente. A partir de primeiro de janeiro, no blog www.reginaldotech.com.br, veja as bases de

verificação da sua Pegada Social, ou seja, a sua capacidade de criar uma excelente rede de relacionamentos.

Felicidade como política pública

Às vésperas do segundo turno, ainda estamos olhando para os dois lados, tentando filtrar o que é puro marketing, o que soa demagogia, o que é viável, o que é indispensável e o que é realmente verdade em tudo o que cada candidato diz e promete. No balanço de tudo, algo é importante: qual dos candidatos oferece uma boa chance para a cidade voltar a ser feliz?

Isso mesmo, caro leitor. Quero saber se iremos voltar à felicidade, ou seja, se iremos transitar sem buracos, passar pelo viaduto novo, ver o trânsito melhor resolvido, ter atendimento humanizado na saúde, enfim... ver a cidade de volta ao progresso e o cidadão feliz.

Para isso é essencial que a felicidade de todos seja real. E, sinceramente, o bauruense não tem sido tão feliz nas suas últimas escolhas. Por isso, a responsabilidade absoluta na decisão do próximo domingo. Ser ou não ser feliz, eis a questão.

Talvez o caro leitor, esteja questionando a importância de tal felicidade, relacionada às eleições. Explico: o rei do Butão, um pequeníssimo reinado hereditário nas encostas do Himalaia, espremido entre a China, a Índia e o Tibet criou o índice de Felicidade Interna Bruta, o FIB, que se contrapõe ao Produto Interno Bruto, o PIB.

A partir disso, algumas coisas (nas políticas públicas) passam a ter um grau maior de importância: boa governança, boa distribuição da renda, ausência de corrupção, garantia geral de educação e saúde de qualidade, ruas transitáveis, mas especialmente fruto das relações sociais de cooperação e de paz entre todos.

E isso não tem nada a ver apenas com sonhos, porque isso tudo se faz a partir de boa administração e não apenas a partir de bons sonhos. Na verdade, um complementa o outro. Entende, caro leitor?

Além do mais, não dá para votar e dar as costas à cidade. Cada cidadão precisa estar consciente do seu papel, do seu protagonismo. Daí, a cidade passa a ser governada para a cidade, e não apenas para o umbigo de cada prefeito que passa pelo Palácio das Cerejeiras.

Assim, a Felicidade Interna Bruta começa com cada um, na hora do voto e depois também... pois não estaremos escolhendo um prefeito, mas uma equipe, que vai decidir, contratar, pagar, resolver, instalar... ou seja, fazer a cidade (feliz ou infeliz). E nessa hora, não pode mais ter pa-pa-ra-pa-pa, ganhando um ou outro, porque não é exatamente disso que a cidade precisa.

Se eu pudesse dar uma dica, falaria: busque saber mais sobre a Felicidade Interna Bruta e converta-se em um sujeito que toma atitudes eficazes para a felicidade, votando em um ou outro. A decisão de votar “certo” é elementar, mas a decisão de estar atento a todas as situações posteriores, para que o governo

seja bom, é essencial, para que não haja arrependimento, como tem acontecido insistentemente nas últimas escolhas para prefeito.

Nas próprias mãos

O Homem vive cercado de leis, responsáveis por determinar os caminhos do bom relacionamento social: as leis de Deus, que abrigam diferentes significações, dependendo da religião e do fiel; as leis do próprio Homem, estabelecidas para serem interpretadas por juristas, que criam as jurisprudências; e as leis do Universo, que conspira sempre a nosso favor.

As leis divinas, assim como as leis do Direito, deixo para os que as entendem e trabalham com isso. Eu só posso ter as minhas idéias a respeito, já que posso não crer no pecado e também acreditar que certas leis do mundo jurídico mais atrapalham do que ajudam a sociedade. Prefiro guardar minha crença para mim e apenas exercer meu direito de cidadão, executando a tarefa da livre expressão.

O terceiro tipo de lei é o que mais me atrai... e o que quero desenvolver neste artigo. Refletir a lei do Universo, qual seja, a Lei da Atração. Mas já vou avisando: li e não gostei de “O Segredo”. Simplista, mecanicista e desmotivador. Bom apenas para quem ganhou dinheiro com o livro e com o DVD. A lei da atração é muito mais do que os racionalismos comandados pelas pessoas que aparecem em tal obra.

A lei da atração poderia se chamar “lei da visão pró-ativa”. Talvez as pessoas tomassem esta lei como algo diferente, muito além da visão mecânica que aparece em “O Segredo”. Os ensinamentos milenares a respeito da lei da atração vão além do simples pensamento positivo. Neste caso, não é apenas o desejo, mas também a ação que deve imperar no cotidiano.

Tomar a vida nas próprias mãos seria o caso de dizer. Reaprender a respirar, a responder de maneira equilibrada, a usar o stress em seu pólo positivo, a aumentar a auto-estima. Estas ferramentas são importantes e podemos usá-las diariamente. Só é preciso aprender. Ao invés de ficarmos na ação e reação, podemos trocar por ação e ação. Que significa dizer: agir e consolidar os nossos desejos.

Desta forma, o misticismo é colocado de lado... e a ciência prospera, ligada à espiritualidade. Mais uma vez, o caos vira equilíbrio. Tomar a vida nas próprias mãos é acelerar a produção de energias positivas, mudando-se do paradigma “o que eu vou ganhar com isso” para “como eu posso ajudar”. O resultado disso, então, seria: trocar o “perde-ganha” pelo maravilhoso “ganha-ganha”.

Nada difícil, se formos ousados e sairmos do condicionamento e das mesmices. Comece agora, de onde você está. Tome a sua vida nas suas próprias mãos. Agarre firme e “positive-se”. Pratique as boas coisas que você pensa... ou vai continuar sendo uma eterna biblioteca sem leitores.

As pessoas e as coisas

(Imagine que você esteja folheando um jornal impresso agora). Ficamos atônitos, mergulhados na imensidão dos sentidos que nos cercam. Isso, caro leitor, uma imensidão de situações, fatos, palavras, pessoas e coisas que entram dentro de nós através dos nossos sentidos. Os cinco sentidos mais conhecidos: tato, olfato, paladar, audição e visão; o sexto sentido: uma espécie de mistura dos cinco, o que pode ser chamado também de intuição; e outros tantos sentidos: algo como sub-sentidos, extra-sentidos, baixos e altos sentidos, se é que o querido leitor entende o que quero dizer!

Estamos a dois passos do paraíso e continuamos na beira da praia a ver navios. Em outras palavras: pensamos demais e deixamos a vida passar. As páginas daquela agenda 2008 ficam em branco e a caneta continua na mão, sem escrever nada. Vamos fechar esta cena exatamente neste momento! Que o Renato Zaiden, diretor do Jornal da Cidade, não esteja lendo este artigo, pois vou cometer um sacrilégio empresarial e jornalístico. Feche agora mesmo este jornal, querido leitor... e pare de pensar.

Ah! Eu sabia que você não fecharia o jornal. Aliás, tinha certeza de que isto não aconteceria. Pois bem, já que você não fechou o jornal e continuou lendo meu artigo, vamos continuar. As pessoas e as coisas estão aqui, rodeando o nosso cotidiano, e nós ficamos pensando, pensando e pensando. O que fazer? Onde ir? Como planejar? Por que é assim? E as perguntas vão se avolumando no frenético pensamento humano.

As páginas da sua agenda continuam em branco, você não escreve nenhum novo capítulo da sua história, os dias passam... e os sentidos ficam esquecidos. Apenas o raciocínio vai fervilhando e comandando tudo. Eu disse comandando? Sim. Foi o que eu disse. Você, eu e todos nós somos comandados por pensamentos que, na verdade, não queremos ter. O que fazer, então?

Tenho duas alternativas. Ou melhor, tenho três. Vamos à primeira: o empresário Nelson Paschoalotto, com quem tive pouquíssimo contato, me parece ser das pessoas que desabrocham os sentidos e pensam menos do que agem. O empresário está fazendo acontecer e vai criando coisas para a cidade. Parece ser do tipo pragmático. Segunda alternativa: o médico Raul Gonçalves de Paula, meu grande amigo de poesias na rua Batista de Carvalho, vive circulando pela Beneficência Portuguesa observando cada detalhe das obras e mudanças. Parece também ser do tipo pragmático. Alternativa número três: outro amigo, o instrutor de yoga, Fernando Perri, vive de fazer para ensinar, fala menos e pratica mais. Mais um que parece ser do tipo pragmático.

Além de serem do tipo pragmático, estas três personalidades bauruenses têm mais uma coisa em comum. São pessoas que não apenas olham para as coisas e ficam a pensar, mas fazem com que as coisas se movimentem. Mais uma semelhança, pela análise rápida que fiz de cada um, parece existir: estas três pessoas sabem sorrir e sabem rir também. Outra qualidade que vamos perdendo com o tempo.

As pessoas e as coisas precisam de algo real. E o pensamento não é real. Ele apenas serve para criarmos coisas virtuais. Claro que serve também para planejarmos. Mas pensar demais não é planejamento. É tolice! Penso, logo, desisto. Então nem vou mais pensar tanto. Vou seguir os exemplos das pessoas que mencionei: pragmatismo e riso, dentro desta imensidão de sentidos. Observei apenas o lado positivo de cada uma dessas pessoas, e é isto que me interessa. Viver bem é ser feliz com a felicidade dos outros. A minha felicidade eu ganho no cotidiano.

Já percebi que as pessoas práticas vivem melhor e levam o sorriso no rosto. Escrevi isto na segunda página da minha agenda 2008 e vou seguindo assim, misturando a praticidade com o riso e a poesia. Aliás, Pablo Neruda está certíssimo quando falou do riso: “Tira-me o pão, e se quiseres, tira-me o ar, mas não me tires o teu riso.” Boa mistura: riso, poesia e pragmatismo. De resto, o pensamento que atrapalha muito. Não pense demais, logo, viva melhor. Mergulhe na imensidão dos sentidos e não precisará mais fechar este jornal.

Agenda 2008

O nome deste artigo, caro leitor, bem que combina com um tratado de paz ou de ajuda ao meio ambiente ou de voluntariado ou até mesmo de ajuda às pessoas com alto nível de stress, sejam eles policiais ou bandidos. Mas não. Este artigo quer falar de outra coisa... a começar de um presente que ganhei no último natal.

Ganhei uma agenda 2008 do meu amigo Erlon Junqueira. Feita de papel reciclado, capa bem acabada, informações úteis sobre o meio ambiente e, obviamente, muitas folhas em branco para podermos escrever os próximos capítulos de nossas vidas. Vou fazer isto nesta agenda, belíssima e utilíssima.

Um dia depois de ganhar este presente, escrevi meu nome e o novo número de telefone. Folhee a agenda e percebi minha primeira responsabilidade: escrever ali apenas as coisas úteis, os bons contatos, as ótimas iniciativas e as soluções para todos os problemas que terei durante 2008. Folheei mais uma vez a agenda, olhei para a TV, onde tocava um DVD de Tim Maia, o último ante de sua morte, exatamente em uma noite de ano novo.

Tim Maia, no DVD, cantava e contava histórias. Neste momento, assistia a faixa “Você e eu, eu e você”. Depois de mais umas músicas do Tim, coloquei o filme “O Tigre e a Neve” e me perdi entre as muitas possibilidades de enfrentar todas as situações da vida. Enfrentar e resolver. Eis o ensinamento. Como bom capricorniano, vou a fundo e não desisto de nada. O filme é a clara explicitação dessa coragem. Após as legendas do belo filme, folheei o livro “As 5 pessoas que você encontra no céu”... e adormeci, sonhando com o céu que vou escolher logo após encontrar estas 5 pessoas.

O celular, insistentemente, me chamava para o outro dia... e busquei meu último sonho de 2007. E pude escrevê-lo no meu caderno de sonhos: “Quando Adão surgiu no mundo, só existia o mundo. Após sua primeira noite de sono, Adão tinha mais uma coisa. Adão tinha o antes e o depois, ou seja, tinha o passado e o presente.” Assim é também as nossas vidas: cheias de antes e depois, de passado e de presente.

E como meu eterno mestre, Roberto Magalhães, falava na Universidade: “a narratividade é a beleza da vida”. Ele falava isso com outras e melhores palavras, é claro. E assim vamos narrando nossas vidas, cheias de antes e depois. Veja o que acontece agora, querido leitor. Começamos o ano novo pelo final do ano velho. É isso. Todo final também é um começo. Apenas não sabemos disso naquele momento. É o tal efeito borboleta.

Um movimento cíclico, com certeza. Cada vida afeta a outra; e a outra afeta a próxima. A minha vida, a sua vida, a nossa vida. Eu, você e todos nós. E todos os livros, todos os filmes, todos os discos também. Coloquei Tim Maia de novo, que cantou Lulu Santos e Nelson Mota: “não adianta fugir, nem mentir pra si mesmo, agora, há tanta vida lá fora, aqui dentro, sempre, como uma onda no mar”

E assim, vou terminando e começando a minha Vida Iluminada, ocasionando o caos nosso de cada dia, permutando intenções, usufruindo da felicidade que me cerca e sempre faço questão de ver e ousar (o tracadilho foi proposital). Estabelecer um novo sorriso, cuidar da própria vida, exercitar a compaixão, mudar... pois (parafraseando o mestre Patanjali) “quando a gente muda, o mundo muda com a gente. A gente muda o mundo na mudança da mente. E quando a mente muda, a gente anda pra frente. E quando a gente manda, ninguém manda na gente. Na mudança de atitude, não há mal que não se mude, nem doença sem cura. Na mudança de postura, a gente fica mais seguro. Na mudança do presente, a gente molda o futuro.” Feliz agenda 2008!

Viver a felicidade

Quando levo meus filhos para a Escola Viver, que trabalha com a pedagogia Waldorf, percebo pais, filhos e professores preocupados não apenas com a programação a ser cumprida, mas também com a realidade que circunda cada pessoa. Na mais direta palavra: todos ali estão preocupados com a essência e com o ser humano, deixando de lado as ninharias que cercam o nosso cotidiano. Resumindo ainda mais, a preocupação essencial é com a pessoa... e não com metas, propósitos, regras e receitas infalíveis de educação.

Toda manhã, na entrada da escola, tomamos o nosso café e nos servimos de uma boa prosa, que vai recheiar o dia de novas e boas atitudes, sempre em busca de um estilo de vida cada vez melhor. Foi em uma dessas ótimas conversas que puxei um assunto. Melhor, puxei uma pessoa. Objetivamente, perguntei na mesa do café, sobre uma entrevista da semana publicada no nosso Jornal da Cidade. Eu falava da entrevista com o “ibopeado” Flávio Pedroso. Ou, se preferirem, com o Flávio “jovem em tempo de carinho” Pedroso.

Tapei o jornal e perguntei: “quantos anos tem esse cara?” Rapidamente os números surgiram: 60, 62, 58... e por aí foi. Tirei a mão da página e li: 72. Incrédulos, os “pais waldorf”, acostumados a exercícios plenos de sabedoria, criatividade, felicidade e sensibilidade, perceberam que qualquer ser comum pode ser jovem o tempo todo da vida, basta ser feliz. E eu tasquei uma frase de efeito: “acho que até em velório o Flávio Pedroso tem bom astral.

Aprendi, nos cursos de yoga, stress e cultura indiana, que o homem resolve ser feliz e é. Mas se ele resolve ser infeliz, sai por aí mancando de uma perna, sempre doente, infeliz, bêbado, falando mal de todo mundo e, ainda por cima, completamente infeliz. Triste fim de Policarpo Quaresma, diria o professor Sinuhe Daniel Preto.

Criando uma lógica desta vida cíclica, joguei isso tudo em uma palestra para os professores da rede municipal da cidade de Pederneiras, falando sobre o compromisso que devemos, todos nós, aos nossos alunos. Primeiro o compromisso com a felicidade e o bem estar de todos; segundo, o compromisso com a educação que possibilite formar jovens livres e com estilo de vida; e terceiro, o compromisso profissional de ensinar o que realmente é preciso ensinar.

As quase duzentas professoras presentes à palestra, entusiasmaram-se em falar sobre suas experiências na área pedagógica. E eu insisti: vamos fazer como Bento Santiago, o narrador de Dom Casmurro, de Machado de Assis. Vamos “unir as pontas da vida”. Em outras palavras, vamos deixar como modelo para os nossos alunos o ideal de felicidade, positividade, cooperativismo e coragem, que toda criança e todo jovem precisa. O mal humor não pode ter lugar em um mundo de paz, que queremos construir. Claro que não podemos fazer como o Bentinho, de Dom Casmurro, que inventou verdades próprias sobre a vida de todas as pessoas do romance.

Enfim, unir as pontas da vida” é estar com pessoas “comprometidas e participantes” da educação dos próprios filhos; é se espelhar no bom humor de pessoas como o saudoso jornalista do Jornal da Cidade, Flávio Pedroso; é afastar-se das atitudes insanas das pessoas que usam a máxima do “quanto pior, melhor”; é simplesmente unir as pontas da vida... definitivamente, deixando o passado no livro de memórias, saudando o futuro como um dia melhor e vivendo o presente como se hoje fosse o último dia de nossas vidas, o que os poetas chamam de “carpe diem” ou... viver extraordinariamente!

A resposta já foi dada

Outro dia, num desses dias de bom sol e boas energias, pensei em uma frase: “precisamos usar a vida no instante em que ela acontece”. A construção dessa frase não foi por acaso, como tudo o que ocorre com as pessoas, pois nada é por acaso. Fiz um link entre a frase e três idéias que “pesquei” com três pessoas diferentes. Algo meio holístico ou a própria antropofagia de Oswald de Andrade: buscar em lugares diferentes coisas boas que podemos usar no nosso cotidiano.

Pois bem. Vamos às três idéias das três pessoas diferentes, para que o caro leitor possa se conectar com a lógica da frase “precisamos usar a vida no instante em que ela acontece”. O palestrante espírita Adenauer Novaes falou, em sua última visita a Bauru, algo como “as pessoas ficam procurando por aí os resultados de seus pedidos e não percebem que seus pedidos já foram atendidos. Ouvindo isto, resolvi cunhar a frase: “a resposta já foi dada”, título deste artigo. Trocando em miúdos: nós ficamos sempre à procura de resultados, enquanto isso, as coisas já aconteceram e nós não demos conta disso. Engraçada esta situação, pois, assim, corremos o risco de ficarmos envolvidos com o futuro, deixando de viver o presente.

Viver a vida no instante em que ela acontece. Eis o grande segredo do “viver o momento”, coisa dos poetas árcades que levavam a vida dentro do tema clássico Carpe Diem. Aí vem, caro leitor, a segunda idéia (das três). Esta veio do Padre Beto, mas não me recordo literalmente a frase. Estávamos envolvidos com o barzinho do Conexão 96, da 96 FM, e ouvi algo como: “é preciso fazer a vida existir de fato”. Para mim, e acho que também para o Padre Beto, a vida existir de fato é viver a vida no instante em que ela acontece.

A terceira idéia veio da poesia, mais precisamente de Carlos Drummond de Andrade. O poeta maior disse algo que resume as coisas da vida: “a dor é inevitável; o sofrimento é opcional”. Maravilha. Fechou o circuito. Existe dor... e isso não tem jeito de resolver. Mas optar pelo sofrimento é coisa tola. A má existência é optar pela tristeza, pelo tédio, pela melancolia. Claro que podemos (e devemos) estar tristes quando algo ruim acontece, porém, não posso viver a tristeza e o rancor como essência.

Brilhante! Conseguimos chegar na palavra-chave: essência. Talvez possamos, a partir daí, clarear o caminho... ou a caminhada. Buscar na nossa essência a alegria e a felicidade de viver. Presentearmos nós mesmos com a tempo presente, com a vida presente. Viver a vida no instante em que ela acontece... fazer a vida existir de fato... optar por olhar o mundo como algo maravilhoso. De resto, é viver!

Administrar o tempo

O mundo de hoje trouxe para o homem a maravilhosa máquina do tempo: o relógio. Este objeto que, outrora obsoleto, escraviza e destempera a sociedade. O tempo do relógio é artificial. Não que o dia não tenha as 24 horas, mas o homem construiu um conluio de horário completamente artificial. Vejamos: quem resolveu que em 50 minutos eu posso dar uma aula? Quem decidiu que em 5 horas um candidato pode fazer um exame? Quem deliberou que em duas horas o trabalhador sai da empresa, pega o ônibus, vai almoçar, pega o ônibus novamente e chega de volta ao serviço?

Estas são perguntas que me faço toda vez que percebo um desajuste entre o tempo dado e a tarefa a ser executada. Mas este tempo, o do relógio, existe. E é com ele que precisamos conviver, sem reclamações. Porém, algo precisa ser feito para que o tempo biológico aproxime-se o máximo possível do tempo artificial. Tenho dito isto em minhas palestras pelo interior de São Paulo, Minas Gerais e Paraná. As pessoas têm percebido a importância do tema.

Um bom caminho (já que existem muitos) é relativizar os dois tempos e aprender a administrar as irregularidades e as necessidades, ou seja, a aula vai continuar com 50 minutos; o tempo de exame vai continuar 5 horas e o horário de almoço vai continuar duas horas. Administrar é a palavra. Relativizar é o caminho. O yoga pode ser a estratégia. Sim, caro leitor... este ensinamento milenar pode ajustar melhor os dois relógios.

Práticas como a correta respiração, as visualizações, a meditação e as posturas (chamadas de assanas) podem reajustar tudo e principiar uma mudança drástica no corpo e na mente de cada indivíduo. E a abertura para dias mais tranquilos, equilibrados e cheios de tempo estará se realizando. Começo aí o próximo capítulo da vida de quem precisa administrar melhor o tempo.

Sempre ouço o seguinte comentário: “eu não tenho paciência para fazer yoga”. Quando ouço isto, logo retruco: você precisa fazer o contrário. Se tivesse paciência, talvez nem precisasse fazer yoga. Você precisa fazer yoga para ganhar paciência. Este é o caminho. Mas muita gente fica, impacientemente, esperando a paciência chegar. Assim, só tenho uma conclusão: quem espera, nunca alcança. Comece já, comece agora!

Deixe as pessoas viverem

O título deste artigo parece meio estranho. Me peguei pensando nesta frase quando voltava de uma viagem a uma cidade da região de Ribeirão Preto, onde fui dar uma palestra sobre stress e auto-estima. Interessante que os temas que abordo aqui no Jornal da Cidade sempre aparecem quando volto de viagem. E pensei: deixe as pessoas viverem.

Na última semana, tive a oportunidade de vivenciar duas situações importantes: uma muito feliz, quando meus filhos voltaram a estudar em uma escola que trabalha com a pedagogia Waldorf; e outra bem triste, quando um amigo meu teve sério atrito com a filha, que cismava em realizar um sonho dela, que ele não concordava.

Peguei-me outra vez pensando na frase: “deixe as pessoas viverem”. Não sou o melhor pai do mundo, mas sou um bom pai, sempre presente e vivendo junto os sonhos de meus filhos. Quando os dois disseram que o sonho deles era voltar a estudar na escola de pedagogia Waldorf, onde eles vivenciam a criatividade, o saber e a alegria de uma forma bem humana, entrei nisso de cabeça. Alegrei meu coração e resolvi “deixar as pessoas viverem”.

Alguns amigos colocaram “senões” para a minha decisão de levar minhas crianças de volta a uma pedagogia tão diferente, mas banqueei o sonho, que passou a ser meu também. E pensei comigo: não quero que meus filhos sejam comuns, quero os dois com caráter cooperativo e não com caráter competitivo. Aliás, esse é um diferencial que vejo em uma pedagogia diferenciada: fazer a diferença através do processo e não através da “decoreba”.

No caso do meu amigo, que não queria deixar sua filha viver um sonho, não pude fazer quase nada. Até que ele me pediu uma opinião, mas não sou de palpar na vida alheia. Apenas disse a ele: se fosse minha filha, eu acolheria... daria colo... seria amoroso... deixaria falar... seria mais amigo... estaria disponível, dando coragem na decisão... dela! Faria o papel de pai, como penso que deve ser um pai. De forma alguma iria trocar o sonho dela pelo meu... não viveria, em hipótese alguma a vida dela... só viveria a minha.

Ele me respondeu: eu não consigo... quero decidir por ela... quero falar por ela... quero escolher por ela. Depois dessa resposta, decididamente, reafirmei minha maneira de olhar o mundo... vivendo sempre por mim mesmo e deixando as pessoas viverem as suas vidas, principalmente se forem meus filhos.

Isto não significa estar longe ou negligenciar, muito pelo contrário. Cada um vive a sua vida e usa o seu livre-arbítrio. Se meus filhos caírem, estarei sempre pronto para acolhê-los e ajudá-los, mesmo que eu tenha avisado: “talvez isso não dê certo”.

Não sei se estou correto na minha maneira de olhar o mundo! Talvez não esteja errado! Só sei de uma coisa: estou sendo honesto comigo e com meus filhos.

Experimento deixá-los viver... e nunca preciso usar a força bruta das mãos ou das palavras. Meu clima com eles é só na base do amor. E tem dado certo.

Mudando a rota

Passam os dias e as pessoas permanecem as mesmas. Será que somos tão auto-suficientes assim para permanecermos a mesma coisa por toda a vida? Não sei! Creio que os conflitos psicológicos, emocionais e até financeiros abrem um grande buraco na cabeça das pessoas, que deixam escapar por entre os dedos as melhores oportunidades de suas vidas.

Certa vez, uma mulher foi até o Dalai Lama e disse: mestre, meu filho precisa parar de comer açúcar, mas ele não pára... e vim aqui por que esta é a minha última saída... o senhor poderia falar para ele parar de comer açúcar? Então, Sua Santidade disse àquela mulher: minha senhora, volte daqui a uma semana. Sem entender, a mulher foi embora e voltou depois de uma semana. O Dalai Lama, então atendeu os dois e disse ao menino: pare de comer açúcar pois isto faz mal a você! E a mãe ficou incomodada com a situação e disse: mas se era para fazer isto, por que o senhor não falou para ele parar na semana passada? E o mestre retornou: É que na semana passada eu também comia açúcar.

Esta parábola é interessante e incomoda por sua franqueza. Muita gente não muda suas atitudes para melhor por não encontrar um “Dalai Lama” em suas vidas. Outras não se modificam porque agem com petulância de personalidade. E existem pessoas que não mudam por pura falta de oportunidade... ou falta de “sacar” a necessidade de mudanças de rota.

Existe uma lei natural chamada de Lei do Progresso, tão importante quanto a Lei da Atração. Esta lei do Progresso redimensiona a realidade, pois acata as novas verdades impostas pelo tempo e pelo espaço. O que significa dizer, resumidamente, que a vida muda e nós também precisamos mudar. Aquela história mal acabada de bater no peito e dizer: “eu tenho minha personalidade e sei como sou” é algo tão deprimente quanto a vida das pessoas que sobrevivem só de falar mal dos outros.

Mudar de rota é uma necessidade do homem moderno, diante de tanto stress, baixa auto-estima, depressão e outras doenças que nos tiram a qualidade de vida. Mudar de rota é voltar a existir e percebermos que a vida é muito mais do que a água com açúcar que tomamos todos os dias. Existir plenamente é um caminho. Como? Respire fundo novamente, medite um pouco, seja você e perceba a existência. Fatalmente, as dores que você sentia ontem não estejam com você hoje.

Meditação todos os dias

Outro dia, me perguntaram a diferença entre religiosidade e espiritualidade. Busquei uma parábola e procurei explicar as diferenças. “Havia um alpinista que resolveu subir sozinho o Aconcágua. O jovem, corajoso e desbravador, saiu em um dia de muita neve, quase um temporal. Todo equipado, foi subindo a montanha... mas o tempo começou a ficar pior, pois o dia começou a escurecer e não se via um palmo diante do nariz. Num dado momento, subindo um paredão, o alpinista sentiu seu corpo cair... e só percebia o ar gelado passando por ele... e seu corpo descendo livremente. Pensou que fosse o fim!

De repente, um solavanco... e o alpinista foi seguro pela corda de segurança, após cair muito em queda livre. Preso pela corda, o alpinista não viu outra saída senão pedir a Deus por uma ajuda. E gritou: Meu Deus, preciso de ajuda! No mesmo instante, ouviu uma voz forte: O que você quer, meu filho? E o alpinista disse outra vez: Preciso de sua ajuda. Deus, estrondosamente, falou: Você tem confiança em mim? E o alpinista disse: Claro que tenho! Então, Deus falou: Corte a corda que te prende.

O alpinista achou aquilo uma maluquice, segurou firme na corda e pensou: se eu cortar esta corda, me esborracho lá embaixo e morro. Dias depois, contam os moradores das proximidades, encontraram um alpinista morto, congelado, agarrado a uma corda... pendurado a dois metros do chão!

Talvez nem precisemos dizer nada após esta boa história. Eis aí uma boa diferença entre a religiosidade, quando o sujeito normalmente se agarra a dogmas, sem se aproximar de Deus, e a espiritualidade, quando a beleza, a verdade e a vida estão dentro de cada pessoa. Boa diferença esta, que não chega a ser uma novidade, mas que é bom sempre se repetir.

Após estas reflexões, aproveitei para perceber outra coisa: um caminho muito fácil para chegarmos à tão sonhada espiritualidade, que nos devolve a imensa vontade de viver bem, com equilíbrio e de maneira sóbria, é a meditação. Por isso proponho: meditação todos os dias! É fácil, é bom, é divertido. Basta começar de onde você está.

A prática da meditação é algo que contabiliza créditos para o nosso bem-estar, além de ser muito fácil de fazer. Porém, exige competência em dois aspectos: decisão e paciência. Ou melhor, quando se pratica a meditação, trazemos para dentro de nós estes dois aspectos. Ficamos mais pacientes e mais decididos. Apenas isto. O resto é nada! Respirar corretamente... relaxar... usar a ação pró-ativa... equilibrar a vida... praticar o bem... estar em paz... visualizar prosperidade. Realmente, o resto é nada!

Escrever a própria vida é possível

Como é bom ter história para contar. Isso foi o que fiquei pensando outro dia, voltando de uma viagem e o sol se pondo, com a lua quase aparecendo do outro lado do mundo. Busquei nos pensamentos as coisas que já me aconteceram, de bom e de ruim, e fui matutando para ver aonde chegaria cada capítulo da vida. Se lembrasse Guimarães Rosa, saberia que a vida é um “troço passo no universo”... ou algo assim. Se me voltasse a Machado de Assis, a vida seria um “ritmo desacelerado e vagaroso, pelas ruas de pedras, sem brisas do mar”. Poderia também lembrar-me de Álvares de Azevedo, mas isso é coisa para quem só quer ficar no lado obscuro “dessa vida de solidões”. Apartei-me dos pensamentos.

Corri em busca de algo mais concreto e percebi a vida passando, de capítulo em capítulo, e eu existindo em cada uma dessas páginas. Percebi: tenho mesmo histórias para contar. E muitas. E boas! Porque as ruins a gente nem precisa ficar ruminando... porque tem muita gente para ruminar no nosso lugar. Ficar com o lado feliz da vida é viver com qualidade. E me embrenhei a refletir sobre as histórias das vidas... dos outros.

Tem muita gente que vive a vida dos outros... que não tem história para contar... que conta as histórias dos outros... que trapaça e mente sobre as suas histórias e as histórias dos outros! São pessoas que ainda não tomaram a própria vida nas mãos. Eis o segredo da história da vida: tomar a vida nas próprias mãos. Alguém tem dúvidas disso? Hoje, depois de tantas histórias, que conto (todas) para os meus alunos e para as pessoas que assistem às minhas palestras, garanto que não tenho mais dúvida disso.

Escrever a nossa própria história é um feito maravilhoso, ironicamente inesquecível. Mas é preciso ter audácia para não escrever uma história qualquer. O novo professor de literatura da Welton Academy, uma tradicional escola preparatória, no filme Sociedade dos Poetas Mortos, Robin Williams, nos diz: “Carpe diem, faça da sua vida algo extraordinário”. O espiritualista indiano Osho nos diz outro caminho possível: “É preciso divertir-se no mundo. Mas antes que você possa divertir-se, você deve acumular tanta energia, que você começa a transbordar com amor, sensibilidade, criatividade, poesia, canção, dança”. Assim é a vida. Ou melhor, assim é o lado bom da vida, o lado do bem... a rede do bem. E a pessoa deixa de ficar olhando a vida dos outros para se preocupar com a sua própria existência.

Dessa forma, tomar a vida nas próprias mãos não será nada difícil. Basta perceber quanta gente sabe e consegue fazer isto. E nem precisa ser monge ou caminhante de Santiago da Compostela. É preciso apenas adentrar na própria alma. Claro que um tantinho de meditação é preciso e mais umas outras audácias que estão bem próximas de todo mundo. A vida assim se torna bem mais fácil. Mais possível.

Então, prepare-se para escrever o próximo capítulo da sua vida, com tintas próprias da emoção e da razão. Afinal, o caminho do meio é possível. Basta você

decidir cada letra que vai compor as frases e os parágrafos destes belos capítulos.

O segredo

O maior fenômeno de vendas da atualidade já está no Brasil: “O Segredo”, um DVD transformado em livro, que prega a força do pensamento positivo (e negativo também), em versão mais popular, simplista e atraente. O filme e o livro bateram todos os recordes nos Estados Unidos. A idéia começa a ganhar força pelas ruas, cinemas, internet, empresas e escolas.

O Segredo tem um segredo: o pensamento positivo. A idéia prega “pense muito, pense forte, pense certo, pense com sentimento, e o que você quer cairá na sua mão”. A “inventora” da idéia, a australiana Rhonda Byrne, 55 anos, diz: “Se você visualizar na mente aquilo que deseja e fizer disso seu pensamento dominante, atrairá o que quer para a sua vida”. Chamamos este procedimento de construção de um holograma.

Na verdade, a idéia não é nada nova. As escrituras tântricas, da antigüidade da Índia, já compunham um Universo sistematizado no poder do pensamento e da meditação. No Brasil, desde 1992, a americana Susan Andrews, do Parque Ecológico Visão Futuro, ensina seus alunos a fazerem hologramas.

O poder do holograma, sistematizado dentro dos cursos de biopsicologia, de Susan Andrews, e por tantos outros profissionais da Qualidade de Vida, é imenso. E a atitude é simples: você visualiza a situação que quer em uma espécie de tela de cinema mental, fazendo com que o poder do pensamento positivo se instale de maneira “real” na frente dos seus olhos. Você vê aquilo que deseja que aconteça.

Porém, tem muita gente que faz isso e não consegue. Tem muita gente que corre atrás de propostas como as de Susan Andrews e Rhonda Byrne, mas não atinge seus objetivos. O que estaria acontecendo. Isso não funciona ou o pensamento não foi tão positivo?

Segundo estudiosos do holograma e do pensamento positivo, o segredo é não banalizar o holograma, achando que é só pedir que tudo vai aparecer. Tem mais um ingrediente necessário: a sincronicidade, que é uma espécie de coincidência das coisas. Ou seja: o Universo precisa estar conspirando a nosso favor. E cada pessoa tem papel decisivo nisso. Ou seja, é preciso que a pessoa também conspire a seu próprio favor. Nada de achar que é só pedir e tudo cai do céu.

Tem gente que assiste ao filme ou vê a apresentação de “O Segredo” na versão power-point e acha que isso basta. Engano certo! É preciso interiorizar a questão e fazer da vida uma realidade aberta ao ser positivo. Fora isso, é só conversa fiada. Uma vida 90% prática e 10% teórica seria o ideal, mas o que se aproximar disso é bom também.

Quer algumas dicas? Corra atrás de algo como: meditação; yoga; alimentação correta, se possível vegetariana; respiração certa; movimente sua vida em direção à sincronicidade; e perceba que a positividade (real e concreta) é sempre o melhor caminho. E tem mais uma coisa: as pessoas que compreendem como

realizar essa busca do sucesso através do gerenciamento do stress e da auto-estima, com certeza, não deixarão de lado as questões de justiça social, os distúrbios ecológicos e a sintonia com o mundo. A sua vida nas suas próprias mãos, este é um caminho!

Viver absoluto

O Jornal da Cidade trouxe, em sua edição de 27 de abril, uma notícia boa: reunidas na Câmara Municipal de Bauru, um bom grupo de mulheres soltou o verbo e elas querem mais espaço na política. Excelente! E isso precisa se ampliar, já que o espaço neste setor está restrito ao mundo masculino. A mulher tem mais sensibilidade no trato das questões sociais e tem anseios bem mais qualitativos que os homens. Isto nos parece uma certeza.

Ao ler a notícia, retomei algumas anotações feitas em viagem recente e as coloco agora ao querido leitor. Estamos neste mundo há milhões de anos, e nada acontece por acaso. O ontem não faz parte do agora... e sabemos que a tranqüilidade a alma é o melhor caminho para a vida. O Homem aprende rápido a fazer o mal, mas o bem demora a chegar na sua mente e no seu coração. Contudo, vale à pena insistir na idéia: fazer o bem é legal!

A realidade, como defendem os teóricos da nova medicina corpo-mente-espírito, vai se construindo no aqui-agora, mas também no antes e no depois. Contemplamos as manchetes dos jornais e não percebemos que o antes não nos pertence mais. Não percebemos que as coisas do passado não podem mais controlar as nossas vidas... e ficamos presos a velhos modelos, a pensamentos ruins e a uma mente viciada no negativismo. Isso é o que chamamos de deixar a mente modelada pelo presente-passado.

Algo precisa ser feito. Isto todos nós acabamos observando. Ficamos atolados nesse emaranhado de coisas que não nos levam para frente ou decidimos, definitivamente, mudar a rota... para não chegarmos apenas onde todos já chegaram. E o medo aparece bem aí. Ou a coragem abre caminho para um novo paradigma: viver o presente-futuro. É exatamente neste ponto que começamos a viver a emoção do aqui-agora.

E meus alunos me perguntam: o que fazer, professor? E eu respondo solícito: entrar no clima, oras. Respirar fundo e perceber que tudo o que é passado deve servir de aprendizagem e não de “estorvo” para a nossa vida. O passado serve como um bom álbum de fotografias para ajudar na construção de um futuro bom.

Quando vivenciamos o aqui-agora, deixamos a alegria invadir a alma. Fechamos as portas para os negativismos e buscamos apenas soluções para os nossos problemas. A vida renasce e olhamos corajosos para o futuro. Aprender a gerenciar o stress e a auto-estima é um caminho necessário neste momento. Não basta ser positivo através das palavras jogadas no ar, é preciso ser positivo na prática do dia-a-dia. Enfim, assim como as mulheres que se reuniram na 2.^a Conferência Municipal de Políticas Públicas para as Mulheres, podemos também fazer uma conferência interna. No entanto, tanto lá fora, como cá dentro, é preciso que as palavras renasçam em forma de boas práticas... para nós mesmos... e para os outros... através de um viver absoluto. O resto é silêncio!

Sinergia para Bauru

Os bons dicionários investigam as palavras e nos dão conta do que pode ser a significação das mesmas, apesar de sabermos dentro da Linguística, mais precisamente dentro da Análise do Discurso, que a significação de uma palavra depende do seu uso e da ideologização da mesma dentro de um contexto. Por exemplo, a palavra sinergia guarda dentro de si o seguinte: “ato ou esforço coordenado de vários órgãos na realização de uma função ou associação simultânea de vários fatores que contribuem para uma ação coordenada.” Pois bem. Será que está faltando sinergia para que a cidade de Bauru consiga desobstruir caminhos e avançar no tempo e no espaço para um desenvolvimento mais efetivo? Talvez. Ou o que falta mesmo é dar uma boa sacudida para cair o mal agouro e a cidade voltar a crescer? Também pode ser isso. Não temos a receita. Existem caminhos e podemos percorrer mais de um caminho.

O caminho da crítica é um; o caminho da discórdia é outro; o caminho da fofoca normalmente é muito usado; o caminho da paz precisa sempre ser uma bandeira; mas o caminho na sinergia quase fica esquecido. E sinergia é ação pura, “juntamento” de pessoas, atuação pró-ativa... ou seja, é abrir-se ao mundo, dialogar, encontrar boas saídas e ser feliz. Saindo da teoria e entrando na prática, podemos dizer que existem algumas ações bastante sinérgicas na cidade.

A imprensa procura fazer este papel, porém, ainda sem o aprofundamento necessário. Os organismos do terceiro setor também buscam o mesmo caminho, às vezes se perdendo nas discussões e na falta de verbas. O poder público fica anestesiado, guardadas algumas ações bem práticas, como o trabalho do secretário do meio ambiente, Rodrigo Agostinho. Fica, então, para a iniciativa privada o grande papel de agente sinérgico. Mas a ação sinérgica começa mesmo é dentro de cada um de nós; na atuação direta com as pessoas, nas palavras que dizemos; e no ritmo que damos às nossas vidas.

Esperar ou criar fantasias sobre a vida é o caminho mais fácil. Ter competência para ser produtivo é o grande segredo. Discuto isso nas aulas que ministro no litoral paulista e na região de Campinas, e também nas palestras que ministro sobre qualidade de vida. As pessoas sentem vontade de praticar a sinergia.

É algo como decidir entre isto ou aquilo: ou você lê um bom livro ou fica plantado na frente da TV assistindo o paredão; ou você entra na internet para se informar de boas notícias ou entra na fofoca deslavada; ou você abre o peito e decide ser feliz ou vai continuar bêbado e mau-humorado. A vida tem mais cor do que o nosso pensamento imagina.

Decidir pela sinergia é economizar água, é ouvir as palavras das pessoas e buscar o bem a todo custo. Sinergia é a interdependência entre as pessoas, que formam esta imensa teia da vida. Existe coisa pior do que uma pessoa que diz: “vamos falar mal de quem agora?”. O contrário é sinergia: “vamos falar bem de

quem?”. Mas o jogo do poder e da cobiça é forte. Ainda bem que existe força sinérgica no Universo.

Praticar o bem é algo fácil. Dê a preferência; abuse da gentileza; diga obrigado; seja mais humano; repita a frase: eu sou feliz!; esteja em paz com as pessoas; não acelere tanto; ria mais; induza o seu coração a ser mais anarquista; esteja com os amigos; não cause o mal; flutue pelos caminhos da vida agregando pessoas... quem desconsidera demais, acaba sozinho. Fazer acontecer é um segredo. Sempre de bem com a vida.

Comece agora

O caro leitor, sábio das coisas que acontecem na cidade, vive se perguntando sobre as razões de tamanha crueldade que existe por aí. O caso do menino que foi arrastado por bandidos no Rio de Janeiro chocou a população e indignou autoridades e imprensa. Quando acontece um caso como este, o país pára e clama por justiça. Pena que a banalização da violência só faça o povo se levantar quando há crueldade... quando o crime é algo de hediondo.

Sim, amigo leitor, a violência diária, de pais contra filhos, de maridos contra esposas, de homens e mulheres contra crianças, de adolescentes marginalizados contra cidadãos, de autoridades contra o povo... a violência diária que a televisão mostra, inclusive em programas infantis... a banalização do sexo, a farsa de um Big Brother, as notícias ruins que vendem mais. Esta é a violência banalizada no cotidiano. Apenas algumas ONGs falam diariamente sobre o assunto... e nada mais.

A sociedade grita contra os bandidos que mataram o menino no Rio, mas dá esmolas que financiam o tráfico nas esquinas das cidades. Só por um dia, cada cidadão tira a sua cruz das costas e paga o crime. O cruel é que o cidadão que faz isso acha mesmo que está colaborando com uma criança com fome. Pessoas que nunca sentiram fome na vida vão aos jornais para serem fotografados dando comida aos pobres. É mesmo a banalização da miséria.

Esta indignação não fica restrita a este clamor. Penso que podemos e devemos fazer algo. Engajar em uma luta diária pela Qualidade de Vida é um caminho. Mas... como fazer isto? Se votamos nos políticos exatamente para lavarmos as nossas mãos e deixarmos tudo por conta deles? A resposta pode parecer simples, mas é exata: fazer acontecer! Tirar do papel e do pensamento todas as ações que cada um de nós pode cometer para mudar esta situação.

Outro dia, o Jornal da Cidade mostrou a sujeira que a população faz na avenida Getúlio Vargas. Mas não é só ali, é em toda parte da cidade. A população suja e depois grita contra os governantes, que não limpam e acusam a população. Não basta uma atitude arraigada (e louvável) do secretário do meio ambiente, Rodrigo Agostinho, é preciso ter políticas públicas. Ou seja, não basta limpar, precisa educar.

É exatamente aí que voltamos ao ponto de partida. O Homem do século XXI precisa adentrar a sua alma. E, neste caso, não basta procurar uma religião. É preciso ir direto a Deus, sem intermediários. Dentro de cada um, na solidão da alma, está tudo aquilo de que precisamos: a vida. Muitos ficam colocando lenha na fogueira... estes são os que não prestam nenhum serviço à sociedade. Outros, abrem caminho para a paz.

Só não pode ser uma paz que fica apenas na bandeira. Precisa ser a paz cotidiana, partindo de uma paz interior. Respire fundo, observe ao seu lado, veja quanta coisa boa você pode começar a fazer agora: separe o lixo reciclável; feche a torneira; economize energia elétrica; chame os amigos para uma boa conversa;

coma frutas, legumes e verduras; perceba o sorriso das crianças; pare de fumar; seja menos violento no trânsito; indigne-se contra os maus tratos aos animais; respeite a natureza; tenha compaixão pelo seu semelhante; e, sobretudo, respeite mais você mesmo. É simples.

O poder da ira, o poder da alegria

Estamos todos prontos outra vez para um mundo melhor. A pena é que as pessoas quase sempre preferem viver no passado e na intriga. A sensação é de que vivemos intensamente o caos e não aproveitamos nada disso. Viver é ser feliz! Mas boa parte das pessoas vive na negatividade. Calçados por trás da arrogância, da raiva, da ira e alheios à criação de um mundo melhor, homens e mulheres que têm o negativismo como pilar de sua estrutura espiritual e mental, atrapalham a sociedade.

O perfil das pessoas que têm como caminho nenhuma construção e só destruição mostra mais que isso: tristeza, pessimismo, melancolia, infelicidade... a loucura ruim! O livre-arbítrio é uma das coisas mais importantes da vida. Tem gente que escolhe ser feliz e tem gente que escolhe ser infeliz. Falar da vida alheia como ponto de sustentação da sua própria vida é algo de dar pena.

Tais pessoas, investidas na obscuridão de suas vidas, são infelizes por natureza... e vivem na agonia de suas próprias palavras e atitudes. Alguns ficam doentes disso: já foi revelado por cientistas que ser infeliz e causar a infelicidade alheia pode gerar graves doenças. Mas estas pessoas não sabem disso. Não sabem de muita coisa interessante da vida. Bebem aos goles o seu próprio definhamento e sua solidão.

Por outro lado, não podemos ficar por aqui entristecidos. Resta-nos a vida. E a vida é a melhor parte dessa história. A vida, enfim, com toda a razão do pleonismo, cheia de vida! O Universo conspira a nosso favor e a magia dos momentos felizes abre caminhos para o amor, a verdadeira amizade, o interesse real pelas questões sociais. Isto também pode ser chamado de sincronicidade. Tudo está bem e a raiva ou a ira não estão dentro de mim.

Fui convidado pelo Padre Beto para participar do seu programa, Conexão 96, no último dia 14 de janeiro, sincronicamente, dia do meu aniversário. O tema foi "Coincidências e acaso". O programa é maravilhoso, bem planejado e tem uma equipe de primeira na produção: o próprio Padre Beto, um novo amigo de primeira hora; O Ricardo e a Luciana. Minha amiga, Renata Machado, foi a outra entrevistada.

Participando do programa Conexão 96 percebi que do lado de cá, este lado da felicidade, do entusiasmo e da coragem, existe muita gente. Muito mais gente do que do lado da obscuridão... ou seria obscurantismo. Percebi melhor o que já sabia: o melhor caminho é o caminho do meio, do equilíbrio... apesar dos desequilibrados que existem por aí. Rádio, jornal, TV e internet podem ser usados para o bem.

Descalços da arrogância e do preconceito, a turma da positividade e da construção vai saboreando o ar limpo, o fogo brando, a água cristalina, a terra molhada de luz e o éter, esta força em forma de Deus, que nos deixa sempre

entusiasmados pela própria vida. Esta é a essência do Universo, o caminho do meio... a própria vida.

E vamos tirar esta fala das metáforas poéticas e colocar no senso comum: ser feliz é construir a alegria das pessoas a partir de pequenos gestos. Faça o bem às pessoas; pense o bem para as pessoas; cerque-se de amigos de verdade; seja o bem maior da sua existência. O resto é resto.

Destrave sua Qualidade de Vida

As pessoas têm comportamento agressivo ou a agressividade toma conta das pessoas porque elas deixam? Dúvidas são sempre bem vindas. E estas dúvidas foram inspiradas pela matéria “Síndrome de Burnout avança em silêncio”, publicada no último dia 8 de janeiro no nosso Jornal da Cidade. Assunto importante porque não se restringe a uma doença que pode um dia chegar até nós, mas a uma situação que a sociedade vive no cotidiano, sem saber.

Quero pinçar um ponto mostrado na matéria e dar uma opinião, pois creio que faltaram caminhos a seguir, já que não basta saber que a situação existe. É preciso que se faça algo. Outra coisa importante, a meu ver, é que também não adianta pensar e teorizar a respeito do assunto... é preciso ação... fazer valer à pena. E, neste caso, a prática é melhor do que a teoria.

Então, tudo começa dentro da alma, na nossa individualidade absoluta... e vai desabrochando através da nossa pele, dos nossos sentidos, acompanhados dos nossos sentimentos. A vida é assim: boa de ser vivida, se for vivida bem. O trabalho é algo natural e óbvio de se fazer, mas o ócio é o agrado do guerreiro. Ócio é coisa do bem e faz o trabalho valer à pena.

A sociedade moderna vende a idéia de que o trabalho engrandece o homem, e isto é uma boa verdade. Mas... só o trabalho envelhece a alma do homem. É preciso permear trabalho e ócio; vida séria e risadas; e verdades e mentiras de uma mesma situação. Podemos chamar isso de Qualidade de Vida e tudo estaria resolvido, mas o mundo começa sempre dentro da gente, e as mudanças começam sempre na alma.

Mas o que tudo isso tem a ver com a tal Síndrome de Burnout? Explico. Esta doença, que também é conhecida como depressão do trabalho, começa nos maus hábitos que temos no cotidiano, seja no trabalho, na escola, na família ou com os amigos. Se pensarmos que a realidade é a conexão de todos os seres, ou seja, a interdependência, não é apenas o trabalho que nos torna mais estressados ou depressivos, mas o conjunto de ações que temos nos relacionando com as pessoas.

Assim, começar agora e aqui mesmo é um bom caminho. Mas... começar o que? Esta é a segunda parte da ação. Destruir a nossa Qualidade de Vida é o objetivo. Inclusive estou montando um programa prático que será oferecido às pessoas neste ano: destrave a sua Qualidade de Vida. Meditar, caminhar, alimentar-se melhor, fazer yoga, cantar... realizar-se. Antes que nossas más atitudes nos tire o prazer de viver bem.

Ano que vem

Por que será que toda vez ao término de um ano e chegada do ano novo achamos que tudo vai ser melhor no “ano que vem”? Por que será que o futuro sempre vai ser melhor do que o presente? E será isto tudo mesmo verdade? Ou estamos a um passo da eternidade, sem ao menos ter nenhuma certeza?

Perguntas. Tantas perguntas e nenhuma certeza. O homem corre atrás de certezas e tem medo dos mistérios. E o ano que vem é um verdadeiro mistério... e fingimos que não há mistério algum. E eu vou fazendo perguntas sem saber respondê-las. O mestre Zarcillo Barbosa uma vez me disse: “Tech, o leitor não quer perguntas, ele quer respostas”. Mas eu não vou dá-las. O leitor é que se resolva com as suas incertezas.

Crueldade de um articulista que defende a Qualidade de Vida? Nada disso. Só incertezas de alguém comum, que não quer fazer desmoronar a realidade que cada um cria na sua vida. Realidade sim, caro leitor. Ou você imagina mesmo que os sonhos não são pura realidade? Sonhos de uma noite de reveillon.

Falando nisso, fiquei sabendo que a palavra reveillon significa despertar. Isso quer dizer que em toda passagem de ano estamos despertando. Mas eu, particularmente, cansei de despertar para o futuro. Estou querendo mesmo é despertar para o presente. Então, feliz dia de hoje para todo mundo. E felizes todos os dias de todo o próximo ano. Um dia de cada vez.

Claro, um dia melhor do que o outro. Sobre isso, quero dizer uma frase excelente que ouvi de um garçom outro dia. Perguntado se ele estava bom, o garçom veio com essa: bom eu estava ontem; hoje estou ótimo! Que beleza de resposta. Que positividade feliz. Isto sim é viver bem a vida.

Mas eu não vou resistir, querido leitor. Não mesmo. E vou acompanhar o meu amigo Zarcillo Barbosa, dando algumas respostinhas àquelas perguntas do primeiro parágrafo. Tudo vai ser melhor no ano que vem sim, porque 2006 foi bom e 2007 vai ser ótimo. O futuro vai ser sempre melhor, porque construímos agora este ótimo futuro. Estamos sim a um passo da eternidade, porque a eternidade começou agora.

Esta prática é boa. Deixar de viver o passado-presente e viver o presente-futuro. O que significa dizer que podemos ir deixando de lado o que acabou de acontecer. Explico: podemos sempre começar de agora em diante. Perder o medo e deixar o passado para trás. Esta é aquela máxima: ou é ou não é, sem meios termos. O passado já era.

Daqui por diante, vivemos só o presente, que vai se renovando e tornando-se futuro. Talvez a saída para tanto otimismo seja acreditar que hoje é um dia de inspiração, coragem, energias positivas e meditação a respeito de todo o bem que podemos fazer pela humanidade. E podemos começar agora. Vamos? Basta dedicar o tempo a não falar mal das pessoas; a ter compaixão e exercitar o amor incondicional. E pronto.

Onde você está

Existe um pensamento oriental que se aplicado ao mundo ocidental vai deixar muita gente extremamente inquieta. O pensamento é simples: “viva, em vez de pensar em ser lembrado”. Mas, qual é o sentido de viver... sem ser lembrado? E qual é o sentido de ser lembrado sem viver? Eis o enigma da vida, o mistério das coisas do Homem.

Um dos problemas que o Homem inventa para si é a busca. Uma busca que poderia ser diferente, mas não é. O externo é, via de regra, o objetivo supremo de todo ser vivente. O que dizer das loterias, do lucro fácil, do carro novo, da calça com etiqueta... ou mesmo da possessão sobre os outros seres, através do ciúmes, por exemplo.

Algo que fica, para este tipo de ser humano, sempre em segundo plano, é uma busca mais interessante: a busca interior. Não a busca fingida de interior, que se mistura à religiosidade hipócrita, mas a busca da essência, da verdadeira espiritualidade. O difícil é que o Homem, como eu e como você, caro leitor, se confunde nesta busca desenfreada.

Uma busca desespera e constante, às vezes irrealizável, pois não basta ganharmos cinquenta mil reais na loteria, queremos ganhar trinta e dois milhões de reais... e um pouquinho menos, nem isso, basta. Queremos o todo e não a parte. Queremos a vida inteira e não os momentos infinitos. Queremos a eternidade e não o aqui-agora.

E a busca continua sempre, mesmo que alcancemos o nosso objetivo, pois quando conseguimos, já queremos outra coisa. Pobres ou ricos... todos estamos sempre buscando. Mas insisto: a busca é sempre externa... a matéria pela matéria, o poder pelo poder, o desejo pelo desejo, o lucro pelo lucro, a possessão pela possessão.

Acontece que chega uma hora que sentimos que tudo isso precisa mudar. É a hora da desconfiança... ou seja, desconfiamos do nosso verdadeiro poder de alcançarmos os bens materiais e percebemos que se não pensamos apenas no dinheiro, ele vem de qualquer maneira. Aliado à desconfiança, aparece a frustração. Verdadeiramente, não encontramos fora de nós mesmo aquilo de que precisamos.

É neste momento que acontece o momento mágico, a sincronicidade. Nos conectamos com a nossa espiritualidade e entramos dentro de nós mesmo. Entretanto, você, querido leitor, deve estar se perguntando, como fazer isto? Como buscar a alma e desfazer-se das frustrações?

Ousadia seria a primeira palavra. A ousadia de resolver ser feliz... sem as teorizações que tanto cansam a humanidade. Ser feliz na prática mesmo. Não perder mais tempo com ilações. Olha que palavra bonita. Combina até com essa mania de ficar pensando em tudo, sem fazer nada. Mas... ousadia de ser feliz e viver o presente, o acontecimento que está exatamente aqui e agora.

Comece de onde você está. Mude algo: resolva parar de fazer alguma coisa que lhe faça mal; ligue para aquele amigo que você não vê há tempos; deixe de fumar; pare de ir à igreja só para mostrar a roupa nova; ande descalço; pise a grama; diga “bom dia” com intensidade; seja compassivo; estabeleça o amor incondicional; não seja o dono da verdade; seja sempre positivo; olhe nos olhos da pessoa; não jogue, apenas seja você mesmo; diga mais sim do que não; e comece bem onde você está. Não sei se isso tudo vai resolver a sua vida, mas, com certeza, é um bom começo.

A vendedora e o professor

Guimarães Rosa não altera a realidade quando escreve. O médico e escritor mineiro consola-se pela brisa que encontra pelo caminho... e vai criando personagens tão próximos da realidade, que parecem vivos. Totalmente vivos. O autor de Sagarana é dono de textos maravilhosos. Perceba isto, caro leitor: O real não está nem na saída nem na chegada: ele se impõe pra gente é no meio da travessia”.

Permito-me usar novamente esta citação de Guimarães Rosa, agora para pensar um pouco a respeito da dispersão. Isto mesmo, caro leitor... dispersão! Para tanto, quero fazer a análise do texto citado, tendo como apoio o significado da palavra dispersão. Vejamos: o real não é a saída nem a chegada... ou seja, o real não está no passado (saída) nem no futuro (chegada). Se assim é, então o real só pode estar no presente.

No entanto, nós, seres viventes, não costumamos optar por esta bela filosofia. Tive duas experiências na última sexta-feira que podem exemplificar esta situação. Ministrei duas palestras: uma para vendedoras de um loja de confecção e outra para professores da Rede estadual de Ensino. Experiências diferentes, com certeza.

As vendedoras, inexperientes na arte de racionalizar as teorias, entraram profundamente nas dinâmicas propostas, experimentaram a emoção de viver o aqui-agora. Dialogaram e vivenciaram. Por outro lado, senti uma resistência interna por parte de alguns professores. Algo natural em se tratando de uma profissão cujos índices de stress negativo são enormes. Pesquisas recentes dão conta de que 90% dos professores têm pelo menos um sintoma de depressão. E os queridos professores, que têm a missão de tornar clara a teoria de cada disciplina, se mostraram dispersos. Estranho este fato. Claro que não falo de todos os professores, mas de uma parte deles. E é óbvio também que cada um resolve para onde aponta o seu nariz. Mas este ponto é importante de frisar: a dispersão daqueles que comandam a situação.

Como sou professor, vou fazendo deste artigo um misto de resignação e turbulência. E tenho o firme propósito de alterar o sentido das coisas... apertando o sinal sonoro para que meus colegas voltem ao presente, dentro da missão que têm das coisas. Quando fui ao encontro, chamado pomposamente de palestra-interativa, já tinha esta percepção: dispersão é a palavra.

Realmente, a vida do professor não está tão fácil como podem imaginar alguns. A solidão no meio da multidão parece ser o ponto de partida para esta discussão. Junte-se a isto os baixos salários, as classes lotadas, a falta de perspectiva... os problemas em casa. Solução? O dia 15 de outubro pode ser a solução.

A partir de agora, na minha missão de falar às pessoas, todo dia vai ser dia do professor, menos o dia 15 de outubro. E começo isto agora, sem resignação.

Fazer da travessia um lugar seguro, do percurso uma vida plena. É a cruzada do bem, fortalecendo a educação. Quem quer vir comigo?

Não somos sozinhos

Caro leitor: hoje vou adentrar a sua comodidade para apresentar uma idéia que não é nova. É algo extremamente antigo, mas vale a leitura. A história toda acontece em torno de uma frase lapidar... “aqui tem qualidade de vida”. Você, com certeza, leitor, deve estar se perguntando... “e eu, o que tenho a ver com isso tudo?” Tudo. Eis a palavra... e vamos nos perguntando: será que chega um tempo em que as coisas não têm mais graça? A rotina sempre vai tomar conta da nossa vida? E aquele projeto que ficou para trás, ainda vou realizá-lo? Estas são algumas reflexões muito atuais e complexas... ou seriam simples?

E tem mais: você termina o dia com a sensação de que não fez tudo o que poderia ter feito? Os mais antigos diriam: estamos em uma sinuca de bico. Acho que não. Nada disso. A situação não é tão complexa assim. E as lições que tiramos do cotidiano fortalecem a nossa intimidade. Só precisamos fazer o que deve ser feito. O tempo de mudança de atitudes já começou. Afinal, é melhor ser alegre que ser triste. Diversões à parte, precisamos de um tempo para reorganizar toda a situação. Desta forma, vamos dando o tempo necessário para a realização de todas as coisas que devem ser realizadas.

Alguns acham que isso tudo é chover no molhado. Não é nada disso. É algo sério e com sentido. Todo o sentido do mundo. A qualidade de vida começa na atitude... ou na mudança dela. O que gera um segundo ponto: um turbilhão de energias para compor a qualidade de vida que merecemos. Acontece que os homens estão acostumados a correr atrás do dinheiro, o que deixa a pessoa nas mãos do próprio dinheiro. Coisa da mediocridade universal. Então o homem se pergunta: “que qualidade de vida é essa? Onde vamos parar, se não paramos um minuto na vida para olharmos as coisas que estão ao nosso redor.

Refletida a questão, é hora de decidir. Espantar as moscas e realizar uma missão a que fomos levados. Missão: algo a ser feito. Patrocínio: você mesmo! O segredo é a construção da Rede do Bem. Nem mais, nem menos... só uma grande rede do bem, em torno de ideais que levem qualidade à vida de todos.

O ponto chave para esta opção em qualidade de vida é “desconstruir” para construir tudo de novo. Conhecer e vivenciar é um caminho possível. De resto, a vida também é feita de encontros... e despedidas. Cada um faz a sua parte e se movimenta no todo. E nesse encontro pode estar você.

Que qualidade de vida é essa?

Durante a nossa vida, vamos recolhendo respostas e mais respostas a todas às perguntas que vão aparecendo. Juntamos tudo e guardamos na ponta da língua, sempre tendo uma resposta prontinha para qualquer questionamento. Afinal, temos personalidade; somos experientes; e vividos.

Triste fim de quem quer sempre ser o dono da verdade. Não é assim, faça diferente, não seja desse jeito... e seguimos dando conselhos. Somos auto-suficientes, neuróticos e mesquinhos. Assim é a vida, quando o que há de melhor é o que existe lá fora e os erros são sempre dos outros. Triste vida!

Comparamos as respostas todas prontas, nas vitrines das lojas. Aceitamos as respostas que o mundo dá; que os outros oferecem; e os sabichões da humanidade vendem na rua 25 de março da nossa vida. Sem questionamentos, seguimos adiante sem nos dar conta de que a vida vai passando.

E a vida vai ficando cada vez mais morna. Nossos verdadeiros desejos vão se tornando coisas do passado; as expectativas ficam sufocadas. Acaba o dia e não fizemos nada. Acaba a noite e não dormimos direito. Tenho a certeza de que o ser humano vive achando que nunca vai morrer; e morre achando que não viveu. Que qualidade de vida é essa? A que compramos em fast-food... acompanhada de batatas e casquinha mista.

Se o coração não vibrar, adeus à vida, adeus aos bons motivos para sempre ser criança e descobrir os segredos da existência. Mas cada um sabe mexer o doce da sua panela. Afinal de contas... o que você está fazendo para ser feliz? Lendo livros de auto-ajuda e assistindo às palestras que dão fórmulas de bem estar? Ou resolveu realmente ser feliz? O impacto dos questionamentos acelera o nosso coração. A decisão de escolher a felicidade como caminho é o argumento mais forte da nossa vida. Parece tolo, mas é a essência da vida, algo como caminhar pela areia branquinha de uma praia e olhar a vida de frente. Muita poesia? Pergunte ao seu coração e tente ouvi-lo.

Além disso, existe algo que quero dizer... e a hora é agora. O espiritualista indiano Osho mostra um caminho: “Sempre que houver alternativas, tenha cuidado. Não opte pelo conveniente, pelo confortável, pelo respeitável, pelo socialmente aceitável, pelo honroso. Opte por aquilo que faz o seu coração vibrar. Opte pelo que gostaria de fazer, apesar de todas as conseqüências”.

Esta é a essência do Carpe Diem. Só vai mudar a própria história quem optar por ser feliz. Afinal, Luiz Fernando Veríssimo tem mesmo razão: “se quem quase morre, ainda está vivo; quem quase vive, já morreu”.

A mulher e suas estrias

Claro que o título deste artigo é uma provocação. Afinal, falar sobre estrias é coisa para dermatologista! Certo? Errado. Falar sobre estrias também é coisa de homem, com qualquer profissão. Aliás, existe uma historinha interessante sobre estrias, contada pelo escritor e psicanalista Augusto Cury, uma vez no Fran's Café da Livraria Fnac, na avenida Paulista, em São Paulo. Cury exemplificou: “o casal está junto há quase vinte anos; após o banho, a mulher, de toalha, reclama das mais recentes estrias. O marido, sem nunca ter notado aquele detalhe, passa a encontrar defeitos na mulher. Um defeito por dia”.

Modernamente, acredita-se que o mundo existe através dos nossos pensamentos. A minha relação com o mundo é mediada pelos meus pensamentos. É a chamada relação virtual, ou seja, o mundo é aquilo que você pensa a respeito dele. Da mesma forma, você é aquilo que você pensa ser. Daí, a importância do pensamento positivo.

Quando olhamos no espelho ou indagamos algo a nosso respeito, é batata! Logo vem aquela pontinha de negativismo... o pensamento, já acostumado a ficar julgando e falando mal, vai logo colocando defeitos. E ficamos do jeito que pensamos ser. Recolhidos no nosso pensamento. Atordoados com tamanha insensibilidade. Sim, leitor. Insensibilidade. Falta de coragem para ser feliz. Nos acostumamos tanto a falar mal, que falamos mal de nós mesmos. E assim vai a vida!

Estabelecer a intenção de ser feliz é um bom caminho para transpor estas barreiras do bom senso quando o assunto é beleza. Um amigo meu, professor na área de matemática, disse uma vez: “mulher sem estrias não tem graça”. Entra aí uma outra proposta para ser feliz: rir à vontade das coisas e de nós mesmos. Realmente, mulher sem estrias não tem graça... vida sem riso não tem energia... pensamento sem realidade é utopia... e texto muito sério é falta do que fazer!

Então resolvi brincar mais e questionar essa tal seriedade e as verdades que o nosso pensamento vai construindo. O mundo precisa ser bem outro, mais ousado e mais verdadeiro. A vida precisa ser extraordinária, sem preocupações tolas, como as estrias e a seriedade. E não se preocupe com as palavras ousadas e falta de seriedade... pois, quem é ético, não precisa se preocupar com nada.

Mas voltando às estrias, só para borbulhar um pouco mais a vida tão tranqüila da nossa sociedade e acabar logo este artigo. Por que mulher tem estrias? Melhor do que pensar em uma resposta, é esquecer esta pergunta. Agora não dá mais para esquecer... e a nossa cabeça masculina fica triturando outras perguntinhas: por que mulher combina uma coisa com a gente de manhã e, à tarde, muda de idéia? Por que mulher lembra-se, com detalhes, de nossos “deslizes”, mesmo que eles tenham acontecido há anos atrás? Por que mulher é tão curiosa? Mistério! Puro mistério do universo. Ou seria tudo coisa do nosso pensamento?

Sobre a vida

Motivações existem. O problema é que as pessoas não prestam atenção aos sinais que a vida oferece. Sim, atento leitor... os sinais da vida. O Universo reagindo de maneira energética e oferecendo sinais em abundância. Você anda pelas ruas e pelos caminhos de terra... e a vida vai ofertando acontecimentos, que podem criar a tal da sincronicidade. Motivações existem. Tem gente que não acredita nisso... e vai acreditando que o melhor da vida é falar mal das pessoas. Fazer o quê?

Mais do que uma reflexão subjetiva, este artigo pretende iniciar uma ação prática. A teoria fica guardada nas gavetas e nas discussões acadêmicas. Motivação é uma palavra chave, no entanto, esta motivação não pode ficar restrita aos minutos posteriores de uma palestra. Motivação de atitudes é a palavra de ordem... motivação prática e não apenas o querer fazer. Você pode mudar a rotina, caro leitor: fazer acontecer.

Eis a diferença entre o Ser e o Parecer. Ouvi uma vez, de um cientista político, a seguinte frase: “não basta ser, tem de parecer”. Politicamente correta, mas eticamente indecente. E voltando ao advento do Ser e do Parecer, você já notou que parece que sempre estamos certos no ponto de vista que defendemos? Lutamos com unhas e dentes exatamente porque “parece” que estamos com a razão. O problema é que o Parecer é efêmero, enquanto o Ser é eterno.

Outra palavra que ocorre quando falamos em Ser é o verbo Ter. Existe uma boa diferença entre Ser e Ter. O Ter é utopia: “tenho vontade de crescer profissionalmente”. O Ser é realidade: “sou um profissional de talento”. Pode-se até dizer que o Ter precede o Ser, pois o sonho vem antes da realização. Mas muitos param no sonho, deixando para trás a verdade da vida, a sua essência. A intenção e o desejo são fundamentais nessa hora. Para não deixar os sonhos apenas nos sonhos, escreva todos os seus desejos em uma folha de papel... e faça tudo isso acontecer, com o poder do seu coração.

A vida é longa; o mundo é maravilhoso; e as pessoas são exatamente como elas deveriam ser. Deixe os atritos e os conflitos de lado e tenha o firme propósito de ser feliz. Ser! É isto que basta. Acumular bens é um despropósito, mas viver mal também é. Estar sempre feliz... eis o ponto ideal. Difícil? Complicado? Coisa de gente alienada? Nada disso. Esta é a realidade. E pronto. Buscar o equilíbrio. Olhe para o seu dinheiro e “diga para ele” que quem manda nessa relação é você. O dinheiro não pode ser o “dono” da situação. Você é o dono do dinheiro. Certo?

Não se trata aqui de esperar cair do céu. É outra coisa. Quem só espera, não aproveita o tempo e nem a vida. Tenha paciência, mas... não entregue os pontos! A felicidade esta bem aí, bem dentro... na essência. O segredo é transformar o mundo através das atitudes. Isto é Ser. E você pode começar com algo bem simples. Exatamente agora. Experimente! Permita-se ser feliz: dê um sorriso para a primeira pessoa que você olhar. Pronto!

Muçarela, mussarela ou mozzarella?

Outro dia, um desses programas de televisão sobre a Língua Portuguesa trouxe uma questão interessante sobre a nossa gramática: a discussão era sobre a palavra mussarela... ou seria muçarela... ou talvez... mozzarella. Estou olhando aqui na tela do computador, e o Word acha que a palavra muçarela está grafada de forma errada e põe aquele risco vermelho embaixo da palavra. Mas vou continuando a minha performance de cronista. Depois deste programa, muitas pessoas se arvoraram a andar por aí corrigindo os já acostumados consumidores do famoso queijo de búfala.

Também outro dia, num desses dias de muito sol, em plena avenida Presidente Wilson, em São Vicente, entrei em um supermercado e tive a curiosidade de olhar seis marcas diferentes de queijo: todas as embalagens estavam grafadas mussarela. Olha só isso!

Quando voltava para a bela cidade de Bauru, passei em São Paulo e comprei um CD do Dicionário Aurélio. Acabei de instalar. Fui olhar o verbete: “muçarela: ver mozzarella”. Às vezes o dicionário menos ajuda do que auxilia. Pronto! Aquilo que estudo há mais de vinte anos está exemplificado pelas minhas andanças: o povo fala uma coisa e a academia outra. Mas eu já tinha visto isso em um curso com a professora Maria Helena de Moura Neves, no mestrado na Unesp de Araraquara. A academia é a academia; o povo é o povo.

Simplificar ou complicar? Eis a questão. Resolvi abrir um livro do poeta modernista Oswald de Andrade: “Dê-me um cigarro / diz a gramática / do professor e do aluno / e do mulato sabido / mas o bom negro e o bom branco / da nação brasileira / dizem todos os dias/ deixa disso camarada / me dá um cigarro”. Pois é... e eu aqui na praça dando milho aos pombos.

Resolvi olhar também para uma música do Teatro Mágico (que deveria chamar-se Mágico e Maravilhoso). Fernando Anitelli é autor dos seguintes versos: “Mas quando alguém te disser ta errado ou errada / Que não vai S na cebola e não S em feliz / Q o X pode ter som de Z e o CH ter som de X / Acredito que errado é aquele que fala correto e não vive o que diz”. Maravilhei-me.

Então, quis viver a minha vida. E pronto. Professor de português precisa ser dicionário também. E o povo vai falando errado: claro que muçarela não é vegetal, mas mussarela também não é animal. O trocadilho valeu. Mas valeu só para dizer que é o melhor nesta vida é ser pró-ativo. E este ensinamento é do professor Paulo Casar Razuk, acadêmico e prático da vida. Professor Luiz Vitor Martinello, professora Léa Silvia, professor Osmar... a gramática se faz nas ruas ou nos gabinetes das Universidades? Ou podemos equilibrar o que o professor pensa e o que o povo faz?

Afinal, tanta ladainha e nada de resolver. Mussarela se escreve com Ç ? Ou muçarela se escreve com SS ? Melhor... “garçom, vê uma pizza de quatro queijos... mas pode ser também de mozzarella”. E eu escrevi mais de trinta linhas sobre um assunto que não vai mudar em nada a vida de ninguém. Carpe Diem!

Vegetarianismo: existe vida além da carne

Sou vegetariano. Verdade? Sim, pura realidade! Mas o que você come? Tudo, menos carne... e os risos logo aparecem. A conversa continua: mas presunto, salame, mortadela você come, né? E eu insisto: eu não como carne... nem moída e nem transformada em cilindros. Mas a pessoa insiste: e não dá vontade de comer? Não, já não sinto mais necessidade.

Esta é a primeira parte da conversa toda vez que alguém descobre que sou vegetariano. A segunda parte começa assim: ah... eu não consigo... amo um churrasquinho, uma picanha ao alho... não conseguiria viver sem carne. E eu, vegetariano sem ortodoxias, fico na minha, diante do “sacrilégio carnívoro” do meu interlocutor. Nada insisto e nem tento dobrar o meu interlocutor. Sem ortodoxias, já disse. E nada de sair por aí com uma bandeira, tentando fechar frigoríficos e granjas.

A terceira parte da conversa é mais amena: e como você conseguiu? Fui parando aos poucos. A outra personagem desta historinha tenta saber mais. Aliás, todo carnívoro morre de vontade de saber como é a vida sem a carne. A vida sem carne? Sim, querido leitor, existe vida além da carne... existe vida além do churrasco... além da churrascaria... e dos garçons pingando gordura na manga da nossa camisa.

Se você colocar um coelho e uma cenoura dentro da jaula de um leão faminto, e voltar depois de meia hora... você verá com o que o leão estará brincando e o que o rei das selvas terá comido! E se você colocar também uma cenoura e um coelho no quarto de uma criança faminta, e voltar após meia hora... você verá com o que a criança estará brincando e o que ela terá comido!!! Sim... não somos carnívoros por natureza... aprendemos a ser carnívoros.

Isto é uma questão cultural. Mas não estou aqui para fazer apologia ao vegetarianismo. Só acredito e tenho a certeza de que viver sem carne é uma opção de vida; um serviço ao nosso organismo; e a defesa do meio ambiente. Tudo funciona melhor sem a carne. Mas, como disse, é opção.

E nada de ortodoxias. Chegamos ao final deste artigo e ao final daquela conversa iniciada lá no primeiro parágrafo: deve ser difícil ser vegetariano, indaga meu interlocutor. E eu, sem querer ser um “chato de galocha”, que fica batendo no peito pra dizer que é o mais puro dos animais racionais, apenas respondo: não é! E vamos comer outro pedaço de pizza de mussarela com rúcula e tomate seco... ou você prefere quatro queijos?

O sabor das coisas

O sabor das coisas vem de uma outra dimensão. Não é possível que seja uma coisa apenas concreta, material. O sabor é algo divino... com certeza. Abro a geladeira da casa da minha mãe e conduzo minha mão até as prateleiras, sem pegar nada. Muita industrialização para o meu corpo. Não quero mais estar dentro das embalagens de comidas prontas. A sociedade produziu o relógio e a pressa para serem inimigos da perfeição.

Exato. É igual aquela campanha de uma loja multinacional de sanduíches: vende comida cheia de conservantes e depois faz campanha de combate ao câncer. Ironia... pura ironia. Realmente o Homem fez o relógio e a pressa para ajudá-lo a vender mais. Estou com pressa, então faço minha refeição o mais rápido possível... de quebra, assistindo a alguma coisa na televisão. Imperfeição.

Rapidamente encho meu prato, corro para o sofá e devoro com pressa toda a comida. Sem sentir o sabor. Um amigo meu, Pelópidas Cipriano, professor, músico e cineasta, se recusa terminantemente a comer em restaurantes de comida rápida. Diz ele: “não sinto o gosto, nem o sabor. Restaurante para mim é, primeiro, para estar junto das pessoas e, segundo, para comer. Bem pensado! O ritual da hora do almoço e do jantar é mais importante mesmo.

Assim, o sabor da comida vem. E tem outra coisa: comer sem pressa e comer bem... saboreando mesmo. Sorvendo cada pedaço de verduras, legumes, grãos e massas. Isto é o Carpe Diem da comida. Saborear, pois, como já disse: não é possível que o gosto do alimento seja apenas matéria. Abro a geladeira da minha casa, sinto-me feliz: comida de boa procedência, qualidade de vida bem ali ao alcance da minha mão. Sinto-me feliz.

É isso. Não é possível mesmo que a comida não tenha uma energia... boa ou ruim. Se fosse diferente, a gente não se lembraria com carinho e saudade da comida da mãe ou da sopinha que a vovó fazia. Mas comida não é feita para lembrar. Comida é feita para comer. E comer bem.

Restaurantes se espalham pela cidade; frutas, verduras e legumes entram em promoção nos supermercados; os orgânicos estão cada vez mais presentes na vida das pessoas; e a expectativa de vida do brasileiro cresce quando se fala de comer com qualidade. A vida é assim: você é aquilo que você come. Em todas as dimensões. Se você come tristeza ou carne podre, sua existência vai ser assim. Mas se você saboreia felicidade e produtos naturais e fresquinhos, sua vida vai ser uma dádiva. Alguém duvida disso?

Ponto de mutação

Normalmente procuramos entender a vida e este mundo através das notícias veiculadas pela imprensa... e pelos comentários dos jornalistas. Tentamos também entender esta jornada através dos teóricos ou dos sábios religiosos. Dificilmente, entramos dentro de nós mesmos para sabermos, de fato, o que é este mundo.

As sensações e sentimentos entram por nossas narinas, ouvidos, boca, pele e olhos... e vamos descobrindo, sem descobrir, um monte de coisas escondidas nas entranhas dos nossos pontos energéticos. A vida vai passando diante de nós e ficamos atônitos... imersos em uma força catalítica.

Marcel Proust, um dos grandes pensadores da história da humanidade, disse muito bem: “a verdadeira jornada da descoberta não consiste em procurar novas paisagens e sim, em enxergar com novos olhos”. E ficamos aqui parados à espera de um milagre. Triste sina de quem não abre os olhos para ouvir e nem abre os ouvidos para ver. Isso mesmo. Não houve erro algum na frase anterior.

Os sentidos humanos são, segundo a sabedoria milenar oriental, a entrada do ambiente externo para dentro de todos nós. Esta energia que está no meio ambiente, considerado uma espécie de corpo estendido, chega à mente, ao intelecto, e produz todas aquelas sensações e sentimentos com o nosso ego... raiva, medo, amor, tristeza, dor... e por aí vai!

O ponto exato da mutação, ou seja, da transformação, é o segredo de tudo isto. Virar o jogo, como se diz na mídia e nas rodinhas das escolas e dos campos de futebol, é a opção. E que boa opção. Mas qual é o ponto de mutação? A resposta vem na ponta da língua: cada um de nós se encontra em uma jornada heróica em busca do Santo Graal. Cada um de nós tem uma missão. Alguns não têm certeza disso, outros nem imaginam essa coisa toda e outros, ainda, se eximem de qualquer responsabilidade.

Trocando em miúdos. Vamos começar trocando as perguntas. Ao invés de sempre dizer “o que eu posso ganhar com isto?”, entre no ponto de mutação, declarando em alto e bom som: “como posso ajudar?”

Talvez a vida comece a melhorar. Se não a sua, a vida do nosso planeta. Basta alguém começar.

Estar só e ser feliz

O Caderno Ser do último domingo trouxe matérias interessantes sobre dois temas importantes para a sociedade moderna: solidão e felicidade. Gislaine Aude, Regina Furigo e Julia Hernandez, pessoas de boas palavras e boas ações, mostraram caminhos para os temas. Das duas matérias da excelente Cristiane Goto, quero retirar algo. A começar de uma fala de Regina Furigo: “O indivíduo se sente só apenas quando estiver longe ou muito afastado de si mesmo”. Creio que é exatamente aí que toda a situação começa.

Cada profissional segue as teorias que consolidam o seu trabalho. Então, vou botar o dedo na ferida, mais uma vez. Solidão e felicidade são estados de espírito. E, na dança da vida, as duas coisas se cruzam. Posso ser feliz sozinho e infeliz acompanhado. Posso ser feliz acompanhado e infeliz sozinho. O importante é iniciar a conversa perguntando-se... Estou próximo ou afastado de mim mesmo?

Exatamente aí é que começa todo o problema e o não-problema. Realmente, como disse Julia Hernandez, “ser feliz está muito ligado à convivência social e passa necessariamente pelo compartilhar, ou seja, depende da relação significativa que a pessoa tem com seus pares.” Mas isto é a continuidade da situação antes mencionada. Não dá para ser feliz só buscando o exterior... é preciso primeiro adentrar à própria alma.

Claro que estou fazendo uma leitura de partes das matérias. Estou também cruzando duas matérias que, em tese, não teriam relação uma com a outra. Mas não podemos ficar no mundo das teorias, precisamos ir para a prática. A vida não pode ser apenas pensamento. A ação é o melhor pecado que Deus criou. Mas todos ficamos pensando, planejando e deixando as coisas escorrerem por entre os dedos.

O quase total racionalismo da nossa sociedade faz com que saibamos onde está a felicidade e como não ser solitário. No entanto, não praticamos esta virtude de viver a felicidade e curtir a nossa boa solidão. Você, caro leitor, pode estar pensando que o que falo é sonho, ilusão, mas é pura realidade. Viver fazendo aula de dança ou saindo para beber com os amigos é compartilhar... mas a felicidade de não estar só, começa exatamente dentro de nós mesmos. Eu sou feliz e pronto! O resto eu busco acontecer. Já é um bom começo.

Fazer acontecer

Quero fugir do horário eleitoral, mesmo sabendo que tudo é muito democrático e importante para a sociedade. Quero dizer que podemos ser felizes, votando em quem a gente quiser, e pronto. Aí, podemos deixar as coisas lá fora e adentrar no espaço infinito do coração das pessoas. Parece conversa de louco, mas é pura realidade. Alargar o coração e enchê-lo de esperanças é a palavra de ordem.

Mas encher o coração de esperanças não significa que precisamos deixar que ele se afogue nelas. Exatamente! A esperança não pode significar paralisia... esperar acontecer. O caminho é “fazer acontecer”. Como? Nem fácil, nem difícil... apenas trabalhoso.

Ao caminhar e olhar para o mundo ao redor, podemos pensar que algo não vale à pena. Mas isto é pura ilusão. Se está indo para um destino e precisar voltar, volte! Nada de medos. E se perceber que precisa seguir, siga, corajosamente, desbravando os destinos que encontrar pela frente.

Nesta vida, sempre cometemos erros. Isso é natural. O importante nesta hora é saber vivenciar o erro e aprender algo. Então, se estiver tudo errado, comece tudo de novo. Desbrave os segredos da realidade e faça tudo de novo. Não há problemas nisso. Recomece quantas vezes for preciso. Porém, se tudo estiver certo, continue... caminhe, de olhos bem abertos.

Mate as saudades, seja parceiro de si mesmo... e a vida só vai lhe trazer parceiros. E por falar nisso, você já percebeu qual é o verdadeiro significado da palavra “parceiro”? Então... ser parceiro é estar presente, acolher, estar realmente conectado com o outro. Parceria não é palavra, é ação.

Até no amor é assim. Bom sinal! Pois o amor nos move a fazer acontecer. Apaixonados pela vida, voltamos os olhos para o aqui e o agora, vivenciando o exato momento. Mas se você perder um amor, não se perca. Esteja sempre vigilante. E se encontrar este amor de novo, não o perca. Amor e parceria são palavras que combinam muito bem.

Assim, fazer acontecer é ser, e não estar. Afinal de contas, parafraseando Fernando Pessoa, o resto não importa. O mais é nada!

Carpe Diem

Outro dia abri um livro cheio de bons pensamentos e li: “você nunca está só ou sem ajuda. A força que guia as estrelas, guia você também.” Resolvi não pensar sobre esta afirmação. Estranho isto, não é? Resolver não pensar sobre algo que se lê. Estranho, esquisito, nada intelectual. Percebi que perdi o medo de não pensar. Verdade! As pessoas têm medo de não pensar... mas eu perdi o medo.

E não fui o primeiro a perder este medo; muita gente antes de mim já perdeu o medo de não pensar. O meu amigo leitor deve estar imaginando... mas do que este professor está falando? Eu explico: quando viramos intelectuais, leitores de jornais, analistas das propagandas políticas, técnicos de futebol e tudo o mais que vivemos fazendo por aí, a única coisa que sabemos fazer é pensar. Pensar conforme os ditames da nossa religião, pensar como os membros do nosso partido, pensar como a didática da nossa escola, pensar... pensar... pensar!

Talvez, de tanto pensar, ficamos mais inteligentes. Não sei. Mas com a cabeça muito confusa, isso nós ficamos. Pensamos demais e fazemos de menos. O duro é quando pensamos uma coisa, falamos outra e fazemos uma terceira coisa. Em outras vezes nós pensamos uma coisa, falamos outra e fazemos o que pensamos. Dificilmente pensamos uma coisa, falamos a mesma coisa e fazemos também aquilo que pensamos e falamos. Confuso? Que nada.

O segredo é esquecermos muitas coisas que nos ensinaram estes anos todos e buscarmos a felicidade dentro de nós mesmos. Nossa... agora tudo ficou mais complicado ainda, deve estar pensando o caro leitor. Que nada, digo eu de novo. Respire fundo, mas uma respiração abdominal, enchendo a barriga de ar pelo nariz.... e soltando também pelo nariz. Faça isso sempre, intencionalmente. Agora deixe tudo que está lá fora muito longe de você. Esqueça as contas, os pagamentos, os horários, a vida corrida... esqueça-se de tudo que está lá fora e adentre em você mesmo.

Como? Simples: sentindo o ar entrando e saindo do seu corpo. A literatura chama isto de Carpe Diem... viver o momento, o aqui e agora. Algumas respirações assim, um pouco pela manhã, mais um pouco após o almoço e depois à noite... e será o suficiente para você começar a entender que este é um santo remédio para o seu cotidiano. Respirar corretamente, sentindo a respiração, tomando consciência do seu corpo e da sua vida. E pronto, começamos bem a mudança de vida.

Mudar a vida significativamente é bom; melhor ainda se for através do Carpe Diem, um tema clássico que se tornou moda entre as pessoas de bem... de bem com a vida. E tudo é muito simples também: esqueça o passado, coloca uma pedra em cima; nem ligue para o futuro... ele está sendo construído agora; e resolva viver o presente, dando o máximo valor a quem está perto de você e que faz parte da sua história.

Não se esqueça de que você é a pessoa mais próxima de você mesmo. Depois disso é só desfrutar a vida... afinal, a vida está aqui e você está nesse lugar. E

nem tenha medo pois... segundo o filósofo indiano P.R.Sarkar “a força que guia as estrelas, guia você também”.

É melhor ser alegre que ser triste

Imagine a seguinte situação: você está andando pela rua, encontra um amigo e ele pergunta se está tudo bem. Você, então diz: “está tudo ótimo”. O seu amigo vai sorrir e ir embora. Normalmente é assim que acontece. Agora, imagine a mesma situação mas com uma resposta diferente da sua parte: “não estou muito bem”. Com certeza, o seu amigo vai parar, perguntar os porquês, dizer alguma coisa, dar um palpite e sugerir uma saída para a crise. Engraçado isto.

Muito engraçado mesmo. Quando estamos felizes, ninguém quer saber os motivos. Porém, quando estamos tristes, todo mundo olha pra gente. O duro é que todos achamos esta situação muito normal. A alegria parece não dizer nada, mas a tristeza é tudo. Outra coisa muito intrigante acontece assim: se você está triste e alguém tenta fazer você ficar alegre... nada acontece. Você não pode estar triste e ficar alegre de repente. Estranho isso. Aquela tristeza toda, alguém lhe fez algum mal... e você não consegue, por mais que as pessoas tentem, deixar a alegria entrar dentro de você.

Mas, lembre-se da situação contrária: você está imensamente alegre e alguém lhe faz alguma coisa ruim. Na hora você fica triste e emburrada, não é mesmo, minha cara leitora? Ou seja, na verdade, ao contrário do que disse Vinicius de Moraes, é melhor ser triste que alegre. Você já se deu conta disso? E parece que tudo isto é que é a normalidade. Parece que devemos mesmo viver assim.

Com dificuldade para ficar alegre, mas com uma facilidade enorme para ficar triste. Que contraditória é esta vida de meu Deus. Mas as pessoas continuam achando que tudo deve ser assim mesmo. Porém, existe pecado do lado de baixo do equador. Ainda bem. E este pecado chama-se felicidade... alegria... contentamento... Coisas que estão aqui, bem dentro da gente. É só enfiar a mão e puxar para fora. Terapia do riso. Vamos todos... terapia do riso é uma boa saída.

E nem precisa esperar por um grande palestrante, podemos começar hoje mesmo. Quando alguém lhe perguntar como vai... responda com toda pompa: estou excelente. Sorria e deixe a vida acontecer. Quando alguém lhe fizer algum mal, sorria também, mesmo que seja um sorriso forçado.

Daqui a pouco você pode começar a morrer de rir da situação. Afinal, a vida é tão bela e tão gostosa de se viver. Acorde e ria de si mesmo. Ria dos políticos. Ria da falta de dinheiro. Ria da vida, enfim. Saiba que isto não vai lhe trazer mais dinheiro, mais poder ou mais colunas sociais. Contudo, pode ser que você mude sua rotina, seu jeito, sua percepção da vida, sua maneira de falar com as pessoas. Ou vai me dizer que Vinicius não tinha razão quando disse que é melhor ser alegre que ser triste?

Onde está a felicidade?

Algumas pessoas me questionaram a respeito do artigo da semana passada, intitulado qualidade de vida, onde discuti um pouco a respeito do homem buscar dentro de si as soluções para os seus problemas. A pergunta básica das pessoas foi: “mas, concretamente, qual é o caminho?”

Além de alguns caminhos já colocados naquele artigo, publicado no Jornal da Cidade do dia 20 de julho, uma luz no fim do túnel é, evidentemente, buscar a felicidade. No entanto, outro questionamento surgirá: onde está a felicidade? E a resposta virá na ponta da língua: dentro de nós mesmos. Mas será que não voltamos na estaca zero, caro leitor?

Eu digo que não. Vejamos: existem alguns sentimentos dentro do homem que, geneticamente; por força da história natural; pela sua religiosidade; pela cultura de cada povo... ou seja, por quaisquer motivos, tornam-se barreiras quase que intransponíveis para se chegar a essa tal felicidade.

Egoísmo; indiferença; insensibilidade; individualismo; e egocentrismo. Se quiser, querida leitora, posso dar mais alguns sinônimos dessa apatia humana chamada “falta de compaixão”. Isso mesmo! O homem precisa olhar para seus semelhantes de maneira mais compassiva, colocando-se no lugar dos outros.

Isto vale para pais e filhos; marido e mulher; oponentes religiosos; inimigos políticos; torcedores de times contrários... enfim, vale para quando você está andando na rua e vê as pessoas ao seu redor. Olhar o mundo de maneira compassiva não é ter pena das pessoas, mas colocar-se no lugar delas.

Trabalhoso? Claro. Se fosse fácil não precisaríamos ter escolas, igrejas, partidos políticos; psicanálise; medicina ayurvédica, yoga, meditação e outras instituições consagradas. Porém, não é tão difícil assim. Alguns detalhes podem fazer a diferença.

Fazer a diferença... eis outra chave do caminho ao encontro da felicidade. Fazer a diferença é não ser igual; é assistir menos televisão; abrir mais o coração; ser mais gentil com as pessoas; aventurar-se ao brincar com uma criança; ter tempo para o ócio; chamar os amigos em casa; entrar naquele curso de violão ou teatro que você tanto queria; observar mais as coisas ao seu redor; estar presente de corpo e alma em tudo o que você faz.

Seja vulnerável, não resista às mudanças. Talvez a felicidade esteja exatamente aí e não naquele velho padrão de vida egoísta, insensível, individualista, egocêntrico e cheio de indiferença que tanto aprendemos neste mundo capitalista, onde a guerra acabou virando a saída para a paz... pelo menos na cabeça dos “donos do mundo”.

Qualidade de vida

A psicóloga Susan Andrews, que coordena o Parque Ecológico Visão Futuro, de Porangaba/SP, diz que as respostas para as nossas perguntas encontramos sempre dentro de nós mesmos. É algo como escutar o vento e esperar que ele fale o caminho a seguir. Na vida é mesmo assim: precisamos olhar do lado, para trás, para a frente e enxergarmos o que o nosso coração nos diz.

Parece meio poético, quando analisamos os últimos feitos do PCC, as últimas pesquisas para as eleições ou as últimas páginas dos jornais. Mas é uma ótima realidade. Buscar as respostas para as nossas angústias ou para os nossos negócios dentro de nós mesmos. Bela saída, doutora Suzan.

Entrar dentro de si e achar as respostas é uma tarefa árdua, pois requer paciência e coragem. O mundo atual nos dá muitas respostas prontas e somos cobrados a todo momento. Dizem que é sinal dos tempos, mas acho mesmo que é sinal da burrice humana. Ser controlado pelo relógio ou pelos relatórios ou pelas metas a serem atingidas é demais.

Os céticos dirão: isto não funciona na sociedade globalizada. Precisamos atingir metas, vender mais, ganhar mais, ousar mais. Aí é que se enganam! Ousar mais é vender mais sem estar preso a metas; ganhar mais é ter o suficiente para uma vida digna, sem estar preso ao relógio. Precisamos é viver mais e melhor. Qualidade de vida é a expressão certa.

Só tem uma coisa: qualidade de vida não é apenas comprar revista que fale de yoga, meditação e relaxamento. Qualidade de vida é praticar o bem, ser menos egoísta, falar bem das pessoas ao invés de falar mal, ouvir mais e falar menos. Qualidade de vida não se vende em vitrine, se conquista dentro de nós mesmos. Claro, tendo bons ensinamentos para seguir exemplos. E seguir os exemplos da doutora Suzan Andrews é bom demais.

Dois livros, a mesma história

As histórias secretas da vida brasileira já pipocaram muito pelas livrarias e bancas de jornais. Ainda nesta semana, dois livros já começam a se insinuar pela vida cultural do nosso país: “Autópsia do medo – vida e morte do delegado Sérgio Paranhos Fleury”, livro-reportagem do jornalista policial Percival de Souza (Editora Globo); e “Seja feita a vossa vontade”, dos jornalistas americanos Gerard Colby e Charlotte Dennett (Editora Record).

No primeiro, Percival conta as tramas quase indecifráveis do delegado Fleury, o carrasco de prisioneiros políticos brasileiros na época da ditadura militar. O “matador de bandidos” é desvelado neste livro com a mesma perspicácia com que o jornalista decifra os atos da bandidagem pela televisão. À procura de informações escondidas pelo tempo, Percival conseguiu recuperar segredos de uma trama que poderia nem fazer parte da história brasileira. Mas fez. E a “Autópsia do Medo” mostra os fatos antes que o próprio Percival vire protagonista de uma queima de arquivo.

O segundo livro, dos jornalistas americanos, conta outra história que é a mesma de Percival. Explico: o delegado Sérgio Paranhos Fleury era parte envolvida também na trama contada em “Seja feita a vossa vontade”. As histórias se cruzam e formam uma teia de tramas, fábulas, verdades e mentiras que o Brasil todo protagonizou. Colby e Charlotte, os autores do segundo livro, desvelam a trajetória do milionário Nelson Rockefeller, do missionário, também americano, William Cameron Townsend e da CIA para conquistar a Amazônia e a América Latina. O delegado Fleury, em análise minha, estava envolvido, pois fazia parte dos esquemas montados pela repressão.

Estes dois livros trazem, então, uma mesma história. A história das farsas protagonizadas por gente que está a todo momento em busca do poder, da fama e do dinheiro fácil. Apesar de contarem histórias ocorridas há algumas décadas, os jornalistas Percival, Colby e Charlotte estão mais atuais do que nunca. Quem nunca ouviu novas versões sobre aquilo que apareceu um dia na televisão, no rádio, no jornal ou na revista? Explico outra vez, dando um exemplo: será que no debate entre Lula e Collor, naquele fatídico ano de 1989, a insinuação de Collor sobre o “belo e caro aparelho de som” que existia na casa de Lula seria realmente para falar do aparelho de som? E a morte do presidente americano Kennedy, em 1963, mais o golpe sofrido por João Goulart, em março de 1964, não teriam algo em comum?

São segredos que qualquer jornalista bem experimentado pode revelar. Muitos não revelam... mas sabem! Como todos nós sabemos de muitas coisas que ocorrem nos bastidores da sociedade brasileira, no entanto, deixamos a história correr por conta própria. Isto não é desenterrar defunto; é, sim, uma forma de tentar explicar coisas que os próprios protagonistas quiseram deixar às escondidas.

Agora, já pensou se um jornalista bauruense, dos que não têm rabo preso com o poder, resolve contar os segredos da vida política local? Seria interessante: saber

quem articulou o quê; quem se reuniu onde e com quem para armar determinada situação; como se perdeu uma eleição intencionalmente; de que maneira foram escolhidas as peças para determinado quebra-cabeças político e eleitoral; quais os métodos de repressão usados em esfera local; e... por aí vai. Seria um belo livro de cabeceira!

Domingo é o dia!

A angústia bate forte na cidade. Quando você acabou de comer aquela macarronada, não sabe mais o que fazer e liga a TV, lá vem o festival de bobagens que assola o País. Domingo à tarde não foi feito para ficar em casa. E olha que é o melhor dia para se tirar aquela sonequinha, de leve. Mas fazer o quê? Ir onde?

Domingo passado, na incansável busca de algo a se fazer, o Sesc foi a boa pedida. Programa de índio? Nada disso. A área de convivência é real, prática e econômica. De quebra, fomos brindados com a apresentação de um grupo de música regional, que fez renascer o lado caipira em muita gente grande. Grande até de idade. Era um domingo e não tinha muito sol.

Aí, as coisas da cidade começam a pipocar entre meus pensamentos. Lembrei-me dos Museus da cidade e de outros equipamentos culturais, além, é claro, de vários outros pontos de lazer da bela cidade Sem Limites. Sem Limites, eis a questão.

Nossa Bauru anda meio perdida, confusa e não consegue recuperar a força deste slogan, tão bem cunhado por um antigo poeta da cidade, se eu não me engano, Eusébio Guerra (me ajude Luciano Dias Pires). Quando digo que Bauru perdeu o controle do slogan, penso exatamente no potencial que temos para voltarmos a ser uma das cidades mais progressistas do Brasil. E nada de bairrismo, ou melhor, nada de tradicionalismo barato. Queremos muito mais.

Decidi passear no Parque Vitória Régia. Este parque, por sua grandiosidade, lembra o parque do observatório em Buenos Aires, onde nas tardes de domingo os portenhos levam suas famílias, suas cestas e a toalha, que é estendida no chão para um belo pic-nic. Coisa de cultura, que não temos por aqui. Mas voltando ao nosso parque, observei o abandono em que se encontra aquele belo (eu disse belo?) cartão postal. De longe e à noite, uma maravilha. Então você pede para um artista ir lá para fazer uma apresentação. Cadê a estrutura? Onde estão os camarins? Eu respondo: devem estar servindo de ponto para consumo de drogas. Abandono total, eis a expressão. Fora a falta de atividades que poderiam ser desenvolvidas pelas secretarias de cultura, esporte, educação... e por aí vai. Mas o passeio vale pela delícia do lugar.

Resolvi dar outras voltas culturais. Alguém já foi ao museu ferroviário? Aquilo é simplesmente a perpetuação de uma história que não pode ser deixada para trás. O que falta é estrutura suficiente para que a melhor das nossas histórias consiga ficar nas memórias de outras gerações. Explico: o museu ferroviário deveria ser a “menina dos olhos” da cidade. Afinal, quem não tem alguém na família que já foi ferroviário nesta cidade de espantos. Quanto dinheiro não chegou na Capital da Terra Branca através das linhas da Noroeste, da Paulista e da Sorocabana. Aí é que está. Falta de política cultural dá nisso. Não nos orgulhamos nem das nossas tradições. E bota lenha na fogueira, maquinista.

Enfim, a iniciativa privada dá um show. Enquanto isso, abnegados servidores municipais se espremem para manter algo que poderia ser um espetáculo. Lanço aqui uma campanha: Visite o Museu Ferroviário e passeie pelo Parque Vitória Régia. Quem sabe o orgulho de ser bauruense não bate mais forte e a cidade tira do buraco estas duas pérolas que temos.

De tudo um pouco

De cultura e de política, todo louco sabe um pouco. E é assim que vamos fazer esta re-volta. Isso mesmo, estamos de volta com os nossos artigos sobre as coisas da cidade. De imediato um assunto que gera polêmica, pois as opiniões são deveras divergentes. A política cultural da cidade continua a mesma, e vou mais fundo: a falta da mesma continua sendo a nossa política cultural. Não por culpa de servidores públicos, prefeitos, empresários ou agentes culturais, mas por descuido de todos estes, inclusive meu. Já que o ano todo ficou parado de carnaval, voltemos à velha tecla: o que falta para a explosão cultural da sem limites? Quase tudo ou quase nada, poderíamos dizer.

De imediato (outra vez) vamos a algumas concretudes: Nilson Costa é o prefeito de fato e de votos; os equipamentos culturais são fartos e estão disponíveis; e há vontade generalizada de prazer cultural (dos produtores e do público). O que falta, então? Creio que uma boa dose de ação política, concreta e objetiva, para retomarmos o caminho artístico que já consagrou Bauru em outros tempos.

Vamos puxar uma carta do baralho: Biblioteca Municipal Rodrigues de Abreu, eis a questão. Meses atrás, este equipamento cultural ganhou casa nova, com direito a coquetel, discursos e tudo mais. Porém, os velhos e acabados problemas estão de volta. Acervo antigo; funcionários sem reciclagem; falta de organização e informatização; e excesso de barulho são alguns pontos indicados por "ratos de biblioteca" que circulam pela Municipal.

Vamos à outra carta: teatro, pois é... teatro! A conversa (puramente informal) aconteceu em capítulos na Fazendinha do JC, em plena Expo-Bauru. Jurandir Bueno traçou os próximos passos para uma Bauru mais cultural. Coisa pra colocar a cidade nos trilhos, poderíamos dizer. Veríssimo Barbeiro lançou projetos no ar, sem medo de demarcar o espaço do bom teatro. Renato Zaiden tratou de disponibilizar um farto e expressivo equipamento de comunicação, só para ver Bauru crescer. E bota fermento nisso.

Dois lados da mesma moeda. É certo que a frase é antiga e os problemas idem, mas parece que a história pode ser outra. Pelo menos, a percepção das pessoas é outra. Falando o bom português, é preciso mais, muito mais do que boa vontade dos políticos. É preciso que a sociedade ocupe seu espaço nas rédeas do poder. Saber fazer é a questão. E quem duvida que em Bauru há pessoas que sabem fazer... e bem?

Sugiro que o prefeito Nilson Costa observe a complexa máquina da Secretaria Municipal de Cultura por dentro e a transforme em um organismo aberto à comunidade. Claro que o público pode entrar no Centro Cultural, no entanto, não basta ser do bem, é preciso participar mais. Um primeiro passo poderia ser a instalação (de fato) do Conselho Municipal de Cultura, órgão formal responsável por dimensionar a política cultural do Município. Desburocratizar os trabalhos na área seria outro passo importante, para que agentes culturais pudessem conviver mais com a ação cultural e menos com papéis. Democratizar a verba da Secretaria deveria ser ponto pacífico, optando-se por reservar verba

exclusiva para o carnaval. E este último, o reinado de momo, deveria, no mínimo ser revisto... muito bem revisto e redimensionado. A problemática da verba não é segredo para ninguém: se não tem, busque-se na iniciativa privada ou nos governos estadual e federal.

Há tantas outras coisas a se fazer e se o prefeito quiser saber mais, é só perguntar ao Jurandir, ao Veríssimo e ao Renato. De resto, ficamos na torcida e na ação, só para ver a Bauru cultural do século XXI, contanto com uma certeza: os projetos culturais da iniciativa privada têm dado certo. Quem quer uma carona?

Entre em contato:

Reginaldo Tech

Telefone: 14-8153-1885

www.humanizabrasil.org.br

www.reginaldotech.com.br

Todos os meus contatos estão no www.meadiciona.com/reginaldotech

Chat  Google Talk: humanizabrasil@gmail.com  Skype: [techhumaniza](https://www.skype.com/people/techhumaniza)  MSN: rajeshvaom@hotmail.com

Contacte-me      

Direitos reservados à HB Editores

 **HumanizaBrasil**

14-3011-7560

Agradecimentos:

- Jornal da Cidade
- Café Pepper
- Evoé Eco Café
- Loja Mundo Verde
- SmartIS Agência Digital
- pmc & associados
- TechTur Viagens e Turismo
- Restaurante Brazita

Capa e produção gráfica: Reginaldo Tech



Palavras Frases Parágrafos de Reginaldo Tech é licenciado sob uma [Licença Creative Commons Atribuição-Uso não-comercial-No Derivative Works 3.0 Brasil](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/).